

MENSAL Nº 43 DEZEMBRO 2015 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

BLIMUNDA COPA 1970
ONÃO GOL DE PELE

FESTIVAL TINTO NO BRANCO

CLARABOIA

REVISITADA PELA BARRACA

12 EDITORAS APENSAR NO NATAL

Nascemos, e nesse momento é como
se tivéssemos firmado um pacto
para toda a vida, mas o dia pode
chegar em que nos perguntemos
Quem assinou isto por mim.

"Ensaio Sobre a Lucidez"

A Blimunda deseja aos seus leitores um Bom Ano de 2016

04

**Claraboia:
Quantas vidas
tem um livro?**
Editorial

06

**Leituras
do mês**
Sara Figueiredo Costa

11

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**Festival Tinto
no Branco**
Sara Figueiredo Costa

22

**Copa 1970:
o não gol de Pelé**
Ricardo Viel

35

**12 editoras a
pensar no Natal**
Andreia Brites

56

Dicionário
Nazaré Sousa
Rosário Alçada Araújo

57

**Notas de
Rodapé**
Andreia Brites

58

**A Claraboia
revisitada pela
Barraca**

78

Agenda

No início dos anos 50 um jovem escritor, até então autor de um só título (*Terra do Pecado*), enviou a uma editora o manuscrito de um romance intitulado *Claraboia* e nunca recebeu uma resposta sobre a intenção de se editar esse livro. Passadas quase quatro décadas e graças a uma reforma no edifício da antiga editora, o manuscrito foi recuperado e voltou às mãos do seu criador, então um já renomado escritor. «Não me tinha esquecido de que o tinha escrito, mas o original, único, era uma coisa que eu já considerava perdido. Também não me atrevi a ir à editora dizer que queria recuperar um texto meu, deixei estar», contou José Saramago, o autor do livro perdido, numa entrevista a Juan Arias. «Tenho-o aqui e não se editará enquanto eu viver», concluiu.

Claraboia: Quantas vidas tem um livro?

Em 2011, um ano depois da morte do seu autor e mais de meio século depois de ter sido escrita, *Claraboia* foi finalmente publicada. Ainda sobre a obra, disse certa vez José Saramago: «Acho que o livro não está mal construído. Enfim, é um livro também ingénuo, mas que, tanto quanto me recordo, tem coisas que já têm que ver com o meu modo de ser.»

Agora, graças ao trabalho de Maria do Céu Guerra e João Paulo Guerra, este livro ganha uma adaptação teatral. Levada ao palco pelo grupo A Barraca, *Claraboia* estreou em Lisboa no passado dia 10 de dezembro. São dezassete atores e um cenário que reproduz com riqueza de detalhes cada um dos seis apartamentos do prédio retratado pelo jovem José Saramago. A primorosa interpretação da companhia teatral transporta-nos para o ambiente claustrofóbico daquele Portugal fascista e transforma-nos em testemunhas das misérias e belezas humanas que habitam todas as vidas. Às vezes o futuro é generoso com os livros. Salvo do esquecimento, *Claraboia* agora já vai pela terceira vida.

Blimunda 43
dezembro 2015

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



João Fazenda

ONDE ESTAMOS

WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

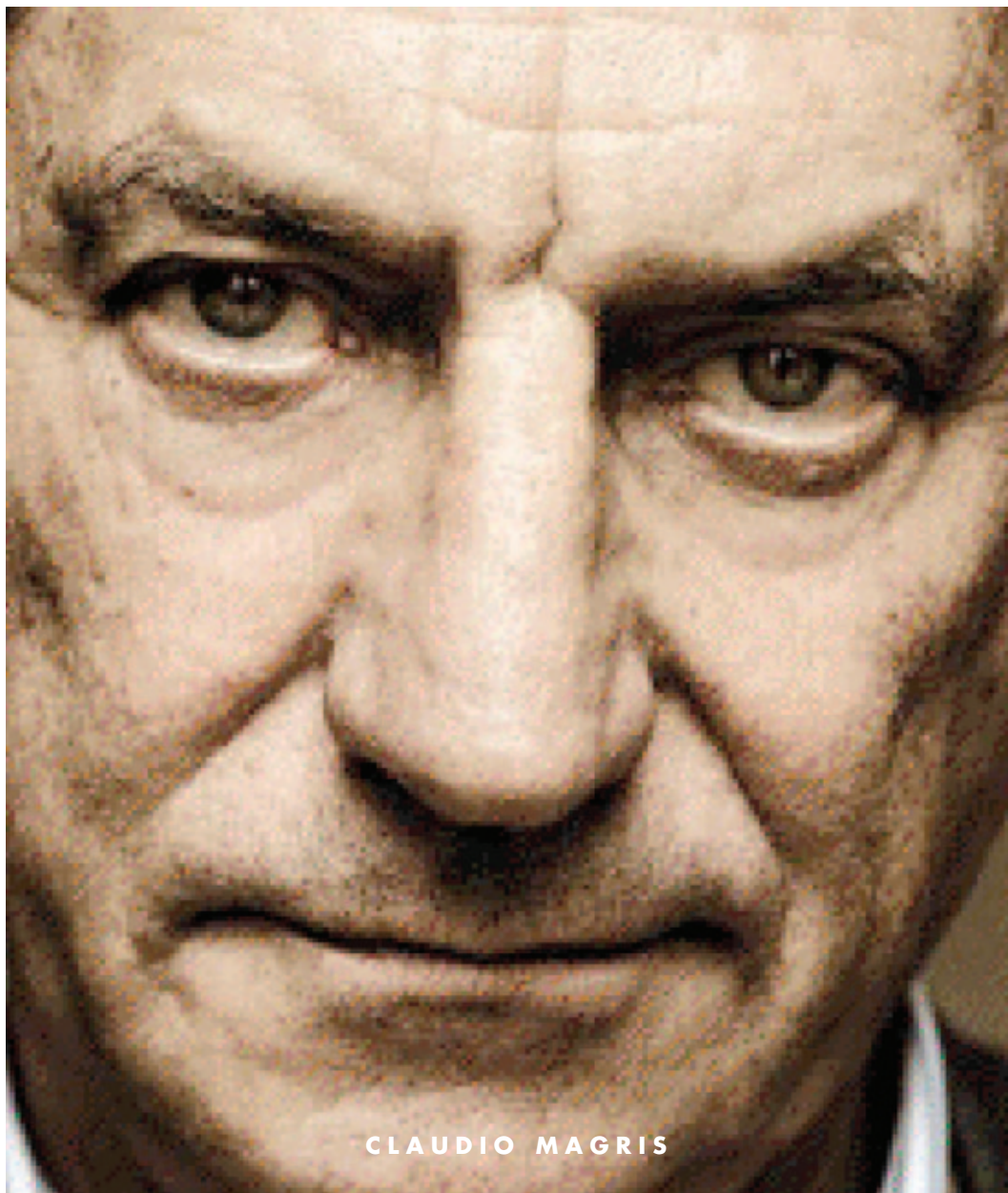
www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Claudio Magris na revista *Luzes*

Todos os dias se anuncia o fim do jornalismo como o conhecemos, com jornais e revistas que encerram as portas, cada vez mais jornalistas desempregados e um poder crescente dos grandes grupos económicos nas redações (muitas delas, pertença desses mesmos grupos). Apesar disso, todos os dias há sinais de esperança no futuro do jornalismo, com projetos que vão surgindo da vontade de uns quantos, organizados em cooperativas, em pequenas empresas, em grupos que tentam garantir a qualidade e a isenção, pagando aos trabalhadores e fazendo chegar as suas publicações ao público. É uma tarefa difícil, mas a bem da democracia alguém tem de a fazer. Na Galiza, uma revista chamada *Luzes* está a trilhar esse mesmo caminho. Com edição em papel e em suporte digital, a *Luzes* tem os seus conteúdos disponíveis gratuitamente na net até ao fim deste ano. A ideia é mostrar o que se faz e conquistar leitores, que poderão assinar a publicação a



CLAUDIO MAGRIS

partir de janeiro. A informação e o trabalho de recolha, verificação e análise custam dinheiro e horas de trabalho, pelo que pagar por isso é nada mais do que justo. No site da revista pode conhecer-se a sua linha editorial e os artigos publicados até agora. É uma boa amostra, que inclui uma entrevista com Claudio Magris onde o autor de *Danúbio* diz: «O que sucede é que a humanidade, nestes momentos, móstrase verdadeiramente imatura, no sentido de que ou ben quere ter as revelacións coma no Sinaí, cunhas táboas da lei dadas por Deus a través das cales se sabe todo inmediatamente, ou ben, en lugar disto, no outro lado, non existe nada en absoluto. Todo se ten que construír laboriosamente, cunha mestura de paixón, pero tamén de certo escepticismo, con vistas a un mundo non perfecto senón simplemente mellor. Creo que é importante que sigamos crendo que o mundo non só ten que ser administrado, senón tamén cambiado.»



Histórias da edição

Ser editor nos dias que correm pode incluir outras tarefas para além daquelas que imaginamos. A relação com os autores, sim, o trabalho com os textos, também, mas nas últimas décadas a edição transformou-se em «mercado» e isso trouxe tarefas de gestão muito para além do controlo dos *stocks* e das contas do deve e do haver. No suplemento *Babelia*, do jornal *El País*, Leila Guerreiro assina um artigo sobre o trabalho quotidiano dos editores e sobre as mudanças que esse trabalho tem conhecido. «“La cualidad número uno del editor respetable”, escribió la chilena Andrea Palet, editora de Libros del Laurel, en su texto *Brevísimo manual para jóvenes editores*, “es la capacidad de quedarse inmensamente callado [...] Es duro ser una sombra, y ni siquiera eso te lo van a agradecer, pero si eres editor es porque te gustan los libros, leerlos, tocarlos, rodearte de ellos, pensarlos, crearlos: bien, esa y no otra ha de ser tu callada recompensa”. Más allá de la crisis, de los cambios que ha

sufrido el negocio, de la irrupción de la tecnología, ¿en qué consiste el trabajo — la vocación — de ser una sombra; el trabajo — la vocación — de ser un editor?» Pilar Reyes, da Alfaguara, Luis Solano, dos Libros del Asteroide, Miguel Aguillar, da Debate, ou Claudio López Lamadrid, da Penguin Randomhouse, são alguns dos editores que partilham as suas histórias com *Babelia*. E não faltam as referências a editores mais antigos, cuja herança ajudou a fazer da edição em língua espanhola aquilo que hoje se conhece, como Beatriz de Moura ou Jorge Herralde.



A vida em qualquer parte

O ataque terrorista que acertou em cheio no coração de Paris, em novembro passado, acendeu alguns debates sobre o valor da vida e deixou à vista os paradoxos de um discurso que se imaginava humanista: por um lado, falou-se muito nos «valores ocidentais»,

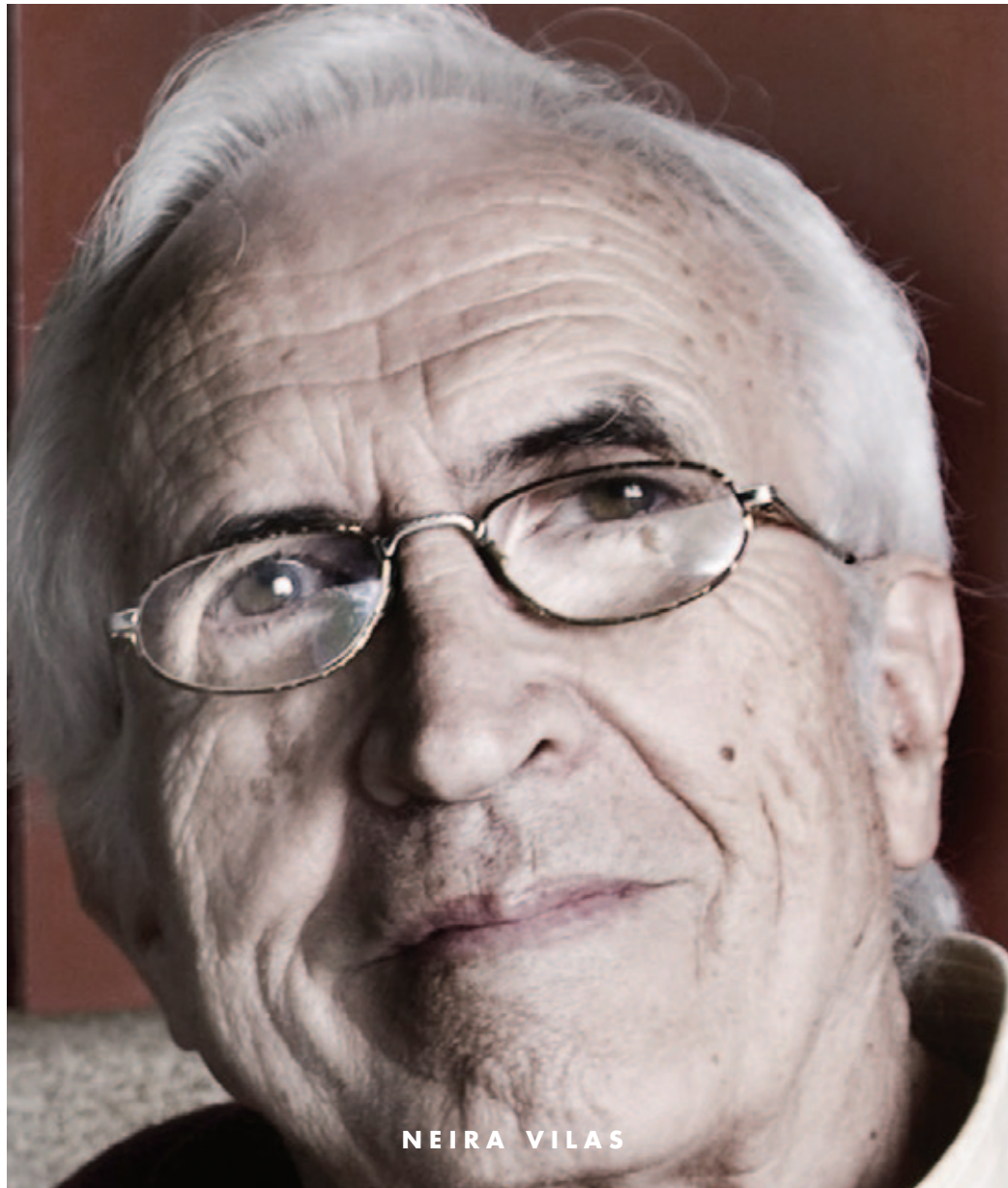
um suposto conjunto de princípios que toda a Europa teria por raiz e que parecem ser válidos apenas para os cidadãos deste continente; por outro, ficou claro que o valor da vida não é o mesmo para toda a gente, dependendo do lugar de nascimento de quem morre. No *Público* de 17 de novembro, a jornalista Sofia Lorena assinou um texto que coloca essas contradições num plano pessoal, individual. Sem a desumanização que os números longínquos apresentados sem cara ou nome sempre contém, percebe-se que é sempre de gente que falamos: «Durante anos escrevi quase todos os dias sobre atentados no Iraque até já ninguém querer saber, até já só ser notícia se fosse “o maior de todos”, até uma vez em que um só atentado matou 700 ou 800 yazidis e isso já nem chegou a ser notícia porque naquele domingo em que os camiões explodiram ninguém soube quantos tinham morrido. Algumas dessas explosões aconteceram na minha rua preferida de Bagdad, a Karrada, muitas explosões mesmo houve na minha Karrada,

até no meu restaurante favorito, no mercado dos pássaros, na rua das livrarias, em sextas-feiras consecutivas onde gente como nós tinha saído para jantar, beber um copo, conversar com os amigos, descontraír um pouco de uma vida bem mais stressante do que a nossa, a vida marcada por explosões e ataques e mortes diárias de gente que pode sempre ser família e às vezes, demasiadas vezes, é.» E, mais adiante: «Eu sei que Paris é diferente para vocês, mas para mim é o mesmo que ouvir Saana, Alepo, Damasco, Bagdad. Desculpem se não parece fazer sentido, mas eu tenho lá amigos, jantei lá muitas vezes fora, bebi copos, fui a jogos de futebol, a espetáculos de teatro ou de dança, comi peixe à beira do Eufrates e do Tigre, fumei cigarros à noite na rua à conversa com amigos, enquanto trocávamos canções, gente da minha idade que só quer o mesmo que eu quero, gente que podia ter estado em Paris na sexta-feira passada se a vida lhes tivesse sorrido de outra maneira.»



A Galiza despede-se de Neira Vilas

O escritor galego Xosé Neira Vilas, autor de uma obra extensa e sempre comprometido com a defesa da cultura e da língua galegas, morreu no passado mês de novembro, aos 87 anos. *Memorias dun Neno Labrego*, o romance que publicou em 1961 (na Argentina), tornou-se referência fundamental da literatura galega do século XX. Narrado pela voz de um rapaz do campo, o romance descreve o quotidiano de uma certa ruralidade galega, onde a pobreza e a falta de perspetivas que não sejam as de repetir até à morte os mesmos gestos dos pais e avós são um fardo constante. A popularidade deste livro acabou por ser injusta para Neira Vilas, autor de várias dezenas de livros, nenhum tão referido como o romance de 1961. Em outubro deste ano, o escritor foi entrevistado pelo jornal *Sermos Galiza*, numa longa conversa sobre a sua vida e obra. Depois da sua morte, o jornal republicou parte da entrevista, onde Xosé



NEIRA VILAS

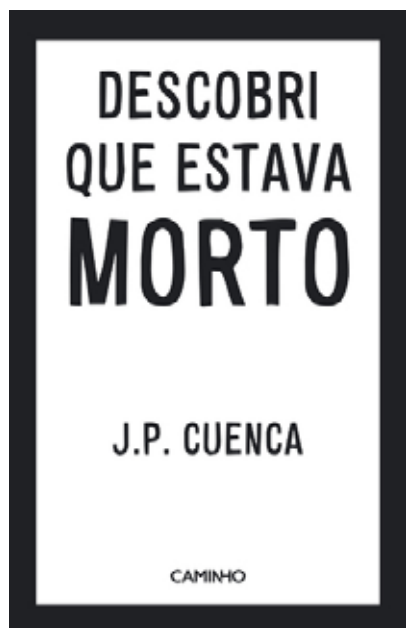
Neira Vilas confirmava o seu compromisso de sempre com a questão galega, desvalorizando o reconhecimento que, apesar da atenção avassaladora do público focada num único livro, não deixou de ter em vida: «[...] hai pouco xa me deron a Medalla de Ouro de Galiza, que é o máximo galardón. Eu agradezo todo, pero non busco nada. Hai pouco na TVG preguntáronme esas parvadas de “por que escribe vostede?” E eu dixen: Escribo porque escribo en galego. Se fora escritor en español, hai 20 anos que o tería deixado. Eu escribirei até que morra, até que teña cabeza. E tamén me preguntaron outra parvada: como lle gustaría ser recordado? Por ser unha boa persoa, non pido máis. Eu traballo, e non fago ningunha valoración do que fago. Tráballo humildemente, son un xornaleiro das letras, un obreiro da palabra galega, apaixonado, traballador, pero ser recordado... se aporlo algo, mellor, e sempre para beneficio do meu país.»



Fingir que se engana a morte

Descobri Que Estava Morto

João Paulo Cuenca
Caminho



A epígrafe das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a abrir o novo romance de João Paulo Cuenca não é gratuita: ainda o primeiro parágrafo não viu o seu ponto final e já o narrador anuncia que morreu. Sem a vertente fantástica que Assis imprimiu à sua paródia sobre a posteridade, Cuenca constrói e destrói a estrutura narrativa de que parte com gestos precisos (e por vezes, raivosos), não cedendo um milímetro na verosimilhança e criando relações fortes entre a sua história e o mundo à nossa volta. Em *O Único Final Feliz para Uma História de Amor É Um Acidente* (Companhia das Letras, 2010/ Caminho, 2011), passado no Japão, Cuenca já havia exibido a sua capacidade de abordar um tema, dando ao leitor o máximo de detalhes sobre ele, para depois se perceber que o osso do romance não era bem aquele e que, podendo nós estar a ler uma história sobre personagens concretas e as suas armadilhas quotidianas, estaríamos, antes de tudo, a ler sobre o nosso destino comum, esse mesmo, o da morte. A obsessão de João Paulo

Cuenca, autor, com esta ideia com que Machado de Assis preconizou novos modos e formas literárias no fim do século XIX, já está presente no livro e no filme que Cuenca fez com Miguel Gonçalves Mendes, realizador, e Tatiana Salem Levy, também escritora, *Nada Tenho de Meu* (2012). De um certo modo, é algo que atravessa toda a sua obra, sempre sem assombros emocionais e como ponto de partida para uma reflexão que é sempre sobre a vida, os seus acasos, as suas mudanças de direção que nos parecem injustiças ou pequenos prodígios de felicidade, conforme o dia e a ordem dos acontecimentos. A secura com que o narrador cumpre a sua missão neste livro (que também é filme e talvez seja obra sem fronteiras de género ou linguagem) tem sido, como a reflexão sobre a morte e o tempo, característica constante da prosa de Cuenca, quer se trate de descrever um Japão onde seria fácil ficar embevecido com o suposto exotismo que vende tão bem no cinema, entre arranha-céus e bonecas insufláveis, ou o tédio de uma geração que se pressente sem

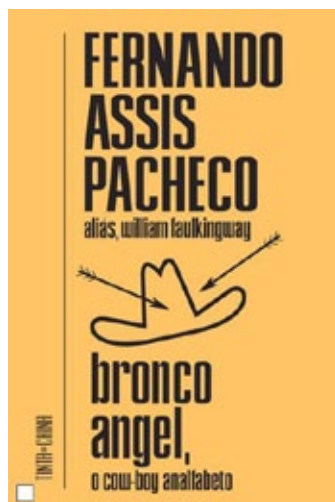
futuro em *O Dia Mastroiani* (Agir, 2007/Caminho, 2009). O que aqui se abre de novo é um interesse mais explícito do que nunca pelo presente do mundo, o do Brasil, certamente, mas também o património coletivo da corrupção, do jornalismo vendido aos grupos económicos, da impossibilidade de os habitantes da pólis tomarem nas mãos a discussão sobre o seu destino comum. Esse presente, capaz de minar todas as promessas de futuro, será uma espécie de magma que se espalha pela narrativa sem pudor, mas onde o osso de *Descobri Que Estava Morto* se revela é na espiral que coloca o narrador no papel de quem deambula de modo labiríntico, na cidade, no mundo das viagens *low cost* e dos festivais literários, mas também na sua própria cabeça, sem evitar a certeza de um fim anunciado desde o início. Não há matéria tão universal e intemporal como esta e Cuenca sabe trabalhá-la, inquiri-la e virá-la do avesso como poucos escritores da sua geração.

C E S  R E A

UM OLHAR SUI GENERIS
E CHEIO DE HUMOR PARA O UNIVERSO
PARALELO DOS RESTAURANTES.
VOCÊ PRECISA CONHECER APICIUS.



CESAREA.COM.BR



Bronco Angel, o Cow-Boy Analfabeto

Fernando Assis Pacheco
Tinta da China

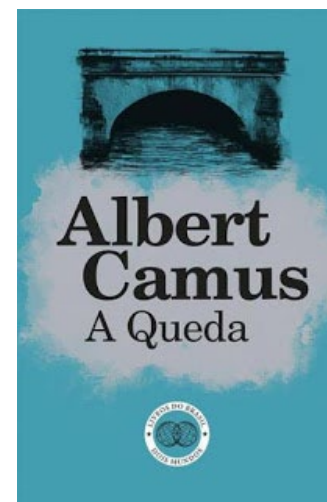
Com a publicação deste folhetim, a Tinta da China inaugura a edição das obras completas de Fernando Assis Pacheco. Bronco Angel, publicado em episódios no jornal satírico *O Bisnau*, acompanha as desventuras de um rapaz que há de ver-se promovido a xerife sem saber ler nem escrever, dando conta de uma época – a década de 80 do século passado – atribulada no plano político e social e genialmente caracterizada pela atenção do autor à linguagem e às suas potencialidades semânticas.



Bartolina Busca-Pé... e o Zé!

Susana Cardoso Ferreira
Edição de Autor

A nova narrativa da vencedora do Prémio Maria Rosa Colaço centra-se numa missão secreta e desconhecida pela protagonista, a recém-aniversariante Bartolina, e na sua relação relutante com Zé, ou Henrique, um rapaz curioso e desconcertante. Regressam os ingredientes fantásticos, o mistério e o discurso oralizante. Cada capítulo começa com uma palavra-chave e a sua definição, numa composição tipográfica distinta e uma intenção clara de deixar alguns indícios ao leitor.



A Queda

Albert Camus
Livros do Brasil

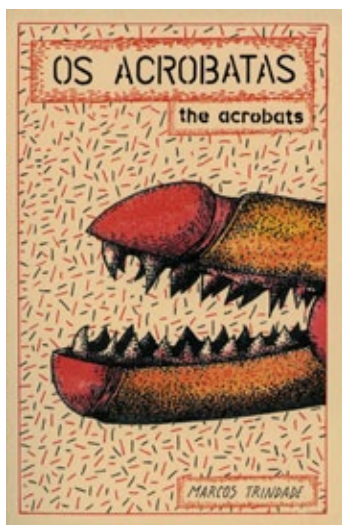
Reedição do último romance de Albert Camus, em que um advogado discorre longamente sobre o destino, a incapacidade de lidar com a moral e as armadilhas que todas as vidas encerram. É o mais recente volume da nova vida da Livros do Brasil, uma editora recentemente recuperada que tem colocado no mercado novas e antigas traduções dos maiores escritores da literatura universal, de William Faulkner a Thomas Mann, passando por Virginia Woolf, Franz Kafka ou André Malraux.



A Ilha dos Diabretes

Carla Maia de Almeida, Cristina Cunha Cardoso, Pedro Borrego (texto) e João Fazenda (ilustração)
Pato Lógico / Ordem dos Farmacêuticos

Primeiro volume da coleção Geração Saudável, ganha o nome de um projeto de promoção da saúde da responsabilidade da Ordem dos Farmacêuticos. De cariz informativo, o livro explica de forma direta, através do diálogo entre dois amigos, o que é a diabetes, afastando paradigmas da desgraça e outros fantasmas. O domínio jornalístico de Carla Maia de Almeida torna o texto claro sem soar impositivo e as ilustrações de João Fazenda contribuem muito para esta leveza.



Os Acrobatas

Marcos Trindade
Mmmnnrrrrg

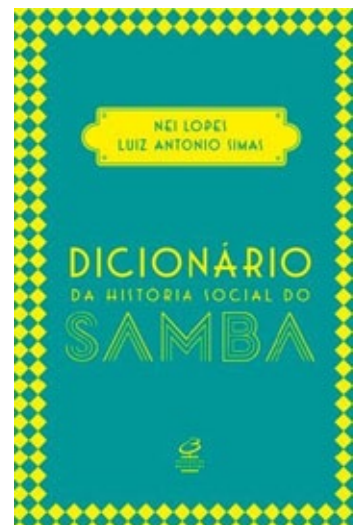
Um livro-harmónio cujas imagens ilustram, entre a ironia e o sarcasmo mais violento, uma certa podridão moral que tem atravessado algumas esferas da política contemporânea, a dos jovens (e não tão jovens) que entram na política por exclusivo interesse próprio, destruindo a ideia do governo da pólis e erguendo, no seu lugar, o ritual diário de se autofavorecerem sem nenhuma preocupação com a comunidade.



A Arca do É

Ana Margarida Carvalho
(texto) e **Sérgio Marques**
(ilustração)
Teorema

Primeira incursão da autora no universo infantil, esta é uma narrativa que parodia o episódio bíblico da Arca de Noé, jogando com a fonética e com a paronímia. A Noé, arauto da desgraça, acrescentou-se-lhe um irmão gémeo, É, responsável pela salvação dos legumes e por uma atitude sempre positiva. Daí até à sopa, é um pulinho. O humor e a remissão para a estrutura das histórias convencionais levam a leitura para um outro nível.



Dicionário da História Social do Samba

Nei Lopes e Luiz Antonio Simas
Civilização Brasileira

Estácio, malandragem, Portela, bateria, a história das escolas, dos ritmos, das mudanças, tudo o que podemos perguntar sobre o samba, a sua sonoridade e a sua cultura. Um dicionário com quase quatrocentos verbetes que vem enriquecer substancialmente a bibliografia sobre um dos mais relevantes fenómenos culturais – e sociais – do Brasil, abrindo caminho para novas leituras e pesquisas.



Vamos ao que Interessa

João Pereira Coutinho
Dom Quixote

João Pereira Coutinho escreve crónicas dos dois lados do Atlântico e em ambas se reconhece o seu talento para o género e a sua capacidade de irritar leitores, nomeadamente os menos dados a uma visão conservadora do mundo. As crónicas aqui reunidas saíram na *Folha de São Paulo*, entre 2008 e 2015, e confirmam tudo: a facilidade com que irritam (os leitores mais à esquerda) quando o tema é política, a boa mão do autor para um género que tem muitos praticantes, mas poucos cultores de peso, como este.

GRANTA

PORTUGAL | 6



Noite

GRANTA 6 | Noite

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | OUTUBRO DE 2015

Receba 4 números da GRANTA
com 25% de desconto

Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

«Na noite cabe tudo: o tangível e o imaginado,
a insónia e o sono, o sonho e o pesadelo, o cansaço
e o descanso, a boca que beija e a boca que morde,
o isqueiro e a lâmina, o salto e o susto, a sombra e a
sombra da sombra.» – Carlos Vaz Marques

TEXTOS

Alexandre Andrade, William Boyd, A.M. Pires Cabral,
Matilde Campilho, Dulce Maria Cardoso,
Mário Cláudio, José Riço Direitinho, Nuno Júdice,
Robert Macfarlane, Jay McInerney, Antonia Pellegrino,
Ana Teresa Pereira, Helen Simpson, Colin Thubron

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Jordi Burch

ILUSTRAÇÕES

Rachel Caiano

CAPA

Jorge Colombo

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**

**Campo de
Ourique,
Lisboa**



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

FESTIVAL

LETRAS E VINHO À MESA DE VISEU

TINTINO

SARA FIGUEIREDO COSTA

BRANCO

Houve um tempo em que a construção de rotundas era tarefa obrigatória de qualquer executivo municipal que almejasse ficar na história. Quando as rotundas estavam prestes a ocupar todos os cruzamentos do país, o interesse focou-se na decoração das rotundas, tendo-se contratado artistas de renome e alguns desconhecidos para o efeito, nem sempre com efeitos estéticos memoráveis. Nos últimos anos, foram os festivais literários a conquistar o coração de autarcas, numa ânsia de igualarem ou ultrapassarem as autarquias limítrofes na sua programação cultural, e foi assim que todo o país se viu preenchido por mesas de debate com a presença de escritores, alguns dos quais parecem marcar presença em todos os festivais do país. Esta é a visão mais cínica, mesmo que baseada numa constatação óbvia, mas valeria a pena perceber se a proliferação de festivais literários tem interferido nos hábitos de leitura dos portugueses.

Se para quem acompanha dois ou três festivais por ano a coisa começa a perder o interesse, pela repetição talvez inevitável, para as populações das muitas localidades que abraçaram a criação de festivais literários como há anos tinham abraçado a construção de rotundas, não há repetição, apenas a possibilidade de conversar com alguns escritores, ouvir meia dúzia de histórias mais anedóticas ou mais eruditas, comprar alguns livros que talvez nunca cheguem à livraria mais próxima, mesmo que esta seja um hipermercado. E, claro, na capital, não falta quem despreze a chegada de semelhante programação à parte de trás do sol-posto, e também aqui seria interessante averiguar se o que move o desprezo é o formato dos festivais ou o facto de pessoas que vivem longe das livrarias e dos lançamentos e dos centros de decisão poderem sentar-se a ouvir ler Camões ou Dante com a mesma pacatez com que o faria qualquer cidadão das ci-

dades ditas cosmopolitas. Muito para discutir, numa conversa onde o maniqueísmo só serve para arrumar o debate, sem lhe dar continuidade. Centremo-nos, então, no mais recente festival literário a chegar ao mercado nacional de eventos: Tinto no Branco, uma organização da Câmara Municipal de Viseu, com produção executiva dos Booktailors.

Colocar vinho e literatura em cima da mesma mesa não é exatamente original. Sem desfiar o rol de escritores que muito apreciaram o álcool em geral, e o vinho em particular, não são poucos os autores que escreveram sobre vinho, enquanto bebida, mas também enquanto tradição que liga os ciclos da terra ao engenho que deles soube fazer uma outra subs-

tância, tão dependente da natureza como da sabedoria humana. Em Viseu, cidade inserida na região demarcada dos vinhos do Dão, um festival literário veio integrar os Vinhos de inverno, encontro que cumpriu este ano a sua segunda edição. Tinto no Branco, assim se chama o festival literário mais recente do país, aconteceu pela primeira vez nos dias 4, 5 e 6 de dezembro, nos espaços do Solar do Vinho do Dão,



com as lareiras acesas e os produtores vinícolas bem acompanhados pelos escritores convidados e pelo público presente.

Na inauguração de ambos os programas, Vinhos de inverno e Tinto no Branco, percebeu-se a importância que a produção vinícola assume no quotidiano da região, com a presença de produtores e respetivas famílias, donos de quintas, gente ligada à restauração e ao negócio do vinho. Será Aquilino o escritor-referência deste festival literário, mas seria Eça o mais indicado para descrever com detalhe primoroso e atenção aos códigos sociais as vestimentas de festa que por aqui deambulam numa sexta-feira à noite. Passada a porta do solar, as coisas dividem-se: de um lado, os produtores de vinho, alinhados em bancadas que ocupam todo um salão, dão a provar a sua criação a quem passa, do outro, uma pequena sala enche-se de gente que quer ouvir a primeira conversa deste Tinto no Branco. Alguns minutos passados, percebe-se que a divisão não é tão clara como parecia, já que há escritores provando os vinhos e produtores ou comerciantes de vinho ouvindo os escritores. Isso mesmo há de ser confirmado



por alguns desses produtores no último dia do festival, já em jeito de balanço pedido. Fausto Formoso, da Adega da Corga, diz que a conjugação do vinho com a literatura é uma ideia a repetir, porque «o vinho também é cultura e felizmente temos tido aqui pessoas que vieram só para a literatura a virem provar os vinhos, e o contrário, também». E Mafalda Perdigão,

da Quinta do Perdigão, confirma que «o vinho é também uma cultura, uma arte de fazer, e montar um festival literário aos Vinhos de inverno acaba por trazer aqui pessoas que estão interessadas em conhecer os vinhos, o modo como são feitos, a região, no caso das pessoas que não são de cá».

Se livros e vinho combinam tão bem como sempre se soube, vinho e comida não fazem parceria pior. À mesa de uma sala preparada para a conversa, o *chef* Hélio Loureiro faz as honras contando histórias de vinho e comida e mostrando como os gestos de fazer e beber ambos se interligam com a

história da humanidade de um modo mais intenso do que a simples descrição anedótica poderia deixar supor. Ainda assim, é de referir a possibilidade de Carlota Joaquina ter sido a inventora da caipirinha, e de o Marquês de Pombal ter sido o criador da primeira região vinícola demarcada do país, a do Douro, não se esquecendo de lá incluir umas quintas suas que produziam vinho... em Oeiras.



outro sem nunca perder o fio de uma boa conversa. Isso mesmo se havia confirmado de manhã, num passeio por Viseu que começou em demanda da Casa Bóquinhos, uma taberna onde se cultiva a boa mesa, a generosidade da bebida e a conversa afável se sem hora marcada, e

Alareira, numa sala onde as cadeiras foram substituídas por sofás, Paulo Moreiras partilha com o público algumas histórias sobre o vinho. O livro de onde as retira, *Pão & Vinho* (D. Quixote, 2014), inclui outras iguarias, como indicia o título, mas será pelo néctar precioso que andarás o rol de conversas neste fim de tarde junto ao lume. Princesas embriagadas, sábios que encontraram no vinho uma certa sabedoria, expressões populares e histórias da vindima, Paulo Moreiras muda-se de um tema para o

terminou entre estantes de livros. Viseu não tem uma livraria independente que mostre os livros mais recentemente publicados, mas tem uma livraria-alfarrabista onde se encontram preciosidades a preços muito diversos e, mais importante, seleccionadas por um livreiro que conhece os livros que vende. A Sidarta, agora instalada na Rua Direita, mereceu por isso visita mais demorada do autor do que o espaço que vendia livros no festival, assegurado pela Bertrand, e isto antes mesmo de se alcançar a Confeitaria Amaral, onde o pão de azeite e as fogaças de mel dão a provar histórias semelhantes às que se guardam no bom vinho e nos livros a que vale a pena regressar.

As mesas de debate continuarão tarde fora, e depois do

jantar, mas ainda haverá tempo para descobrir o que acontece nas salas que se seguem ao espaço dos produtores vinícolas. Com o pretexto de visitar esse espaço, a antiga capela do solar, com a particularidade de ser o primeiro templo cristão com cúpula a ser construído no nosso país (uma inovação trazida de Itália), descobrem-se as bancadas ocupadas por produtores locais de outras virtualhas. Doces, queijos, enchidos, biscoitos e os bolos pecaminosamente tentadores de uma tal Pastelaria Pascoal, onde também se faz broa de milho com farinhas produzidas localmente, a partir de milhos cuidadosamente cultivados com água do rio Dão. Tudo isto é explicado por Tiago Colaço, sobrinho do dono do estabelecimento e, tendo em conta o entusiasmo que exhibe na apresentação de cada produto, um sério candidato a continuar o negócio.



Se é de um festival literário que falamos, onde cabe tanto discurso sobre vinhos e comidas e milhos cultivados à beira-Dão? No mesmíssimo espaço dos livros, por exemplo, os de Aquilino Ribeiro, natural do município e um conhecedor destes saberes e ofícios a que hoje chamamos tradicionais e arrumamos dispendentemente na gaveta do passado, como se homens e mulheres não continuassem a amassar o pão, a pisar as uvas (mesmo que com máquinas que lhe substituam parte dos gestos) e a criar narrativas que expliquem ou questionem o modo de fazer e ser. Numa das mesas mais incompletas deste festival – incompleta por ter sido óbvia a necessidade de continuar a conversa, coisa impossível quando há um horário a cumprir –, Manuel da Silva Ramos, Alberto Santos e João Luís Oliva também falaram disso, mesmo que não tenham referido o fazer do pão ou do vinho. Questionando a pertinência de discutir a regionalização sem estar muito claro do que falamos quando falamos disso mesmo, João Luís Oliva questionou também o porquê de

se escolher um escritor da Covilhã, outro de Penafiel e um terceiro de Viseu para a conversa sobre aquele que parecia ser o tema para satisfazer um certo discurso sobre a interioridade. Disse o autor de *Artes e Ideias da Desconcentração* (Letra Livre, 2014) que «a universalidade não é o *low cost*, mas também não é apenas a planície, a montanha, o mar», que é como quem diz que talvez tanta dicotomia seja pouco útil se continuamos convencidos de que um olhar universalista sobre o mundo é aquele que encontramos em Lisboa, por oposição a um outro, fechado, talvez inculto sobre as coisas do cosmopolitismo, que encontraríamos em qualquer outro espaço não-capital. Inevitável lembrar António Variações, referência que talvez não encante quem vê nestas misturas de categorias culturais uma perigosa derrapagem moral, mas que é capaz de ter sido o mais interessante cosmopolita do nosso século XX, sem manias de parecer popular enquanto fugia daquilo a que chamam povo, sem tiques de erudição hermética a querer exibir cultura como quem mostra as pratas da família, cruzando Braga e Nova Iorque sem pestanejar.



O primeiro Tinto no Branco trouxe, então, vinho e literatura para as mesas e poltronas do Solar do Vinho do Dão, em Viseu. Das histórias que se partilharam terão ficado diferentes memórias em cada pessoa que ali se deslocou para as ouvir, mas o que parecia certo, no domingo ao fim do dia, era a satisfação generalizada entre o público. Os vinhos continuariam a ser provados, agora sem escritores à volta da mesa, e mesmo antes da retirada estratégica que permitiria apanhar o comboio de volta a Lisboa (aquele que obriga os viseenses a deslocarem-se até Mangualde, a meio da Linha da Beira que sobreviveu – mal e com atrasos inaceitáveis – aos desmantelamentos sucessivos dos caminhos de ferro, e que seria tema muito relevante numa conversa mais ampla sobre o velho tema das dicotomias regionais), foi possível escutar algum

desse público manifestando o desejo de ver o Tinto no Branco ter continuidade. «Espero que a Câmara não acabe com isto», dizia uma senhora à saída do Solar. Talvez as rotundas não tragam algo tão relevante aos munícipes que pagam os seus impostos.

COPA 1970:

RICARDO VIEL

ONÃO GOL

ENTREVISTA SÉRGIO RODRIGUES

DEPELE

A Copa do Mundo de 1970 foi, sem dúvida, o apogeu do futebol brasileiro. E para muitos foi também o momento mais glorioso do esporte mais popular do Planeta. Naquele torneio disputado no México, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, consagrou-se como o melhor jogador de todos os tempos ao receber pela terceira vez a medalha de campeão mundial (1958, 1962 e 1970) – feito que ainda não foi igualado por nenhum outro atleta. Nos estádios mexicanos, além de marcar quatro gols, o camisa 10 da «seleção canarinho» deixou gravado no almanaque da história do futebol jogadas nunca antes vistas, entre elas um drible, sem tocar na bola, sobre Mazurkiewicz, goleiro do Uruguai. A jogada, que costuma ser recordada como o «não gol de Pelé» ou «a bola que não entrou», é provavelmente o momento mais brilhante da carreira do maior jogador de todos os tempos (perdoem o acúmulo de superlativos, mas

em se tratando de futebol está permitido). Foi a partir dessa finta de Pelé que o escritor brasileiro Sérgio Rodrigues construiu *O Drible*, romance com o qual venceu o Prémio Portugal Telecom de 2014. A complicada relação entre um pai, conhecido cronista esportivo, e o seu filho, um revisor de livros de auto-ajuda, é contada tendo como ponto de partida e de chegada o futebol. Em outubro, Sérgio Rodrigues esteve em Portugal para apresentar aos leitores portugueses o livro e conversou com a *Blimunda*. Embora esta seja uma publicação editada em Portugal, a entrevista deu-se em português do Brasil, já que entrevistador e entrevistado são brasileiros. Seria estranho, para ambos, que a conversa fosse vertida para o português de Portugal. Portanto, onde lê-se gol e equipe, alguns devem entender por golo e equipa; onde há um goleiro pode ser que se trate de um guarda-redes. Enfim, são detalhes, porque uma coisa é certa: quando se fala de futebol, seja da maneira como for, há um entendimento que ultrapassa fronteiras geográficas, culturais, etárias e económicas. É um lugar-comum, mas é verdadeiro: a linguagem do futebol é universal.



Li uma entrevista onde você dizia que demorou quase 20 anos para escrever este livro, por que tanto tempo?

Demorou 18 anos para ser escrito. Quando publiquei o meu primeiro livro de ficção, em 2000, o conto do Peralvo deveria estar nesse livro, que se chama *O Homem que matou o escritor*. Na última hora resolvi não incluir esse conto porque achava que aquela história merecia crescer. Em relação ao *Drible*, não foi um trabalho contínuo, é lógico, fiz outros livros nesse tempo, mas sempre voltava àquilo. Demorei muito para encontrar um caminho, uma forma de fazer o livro do jeito que eu queria. Na verdade acho que eu tive que aprender. Quando comecei a escrever eu não estava pronto para fazer um livro como este.

O Peralvo é um craque que tem poderes sobrenaturais, realmente antevê a jogada. Pensou em algum jogador em especial ao criar esse personagem?

Não. Acho que essa ideia surgiu daquele expediente do «e se». E se a tal magia do futebol, que é um clichê de narrador esportivo, fosse de verdade? O Peralvo surge assim. Mas eu também não queria contar simplesmente a história de um jogador mágico, não queria fazer realismo mágico. Por isso que quem conta a história não sou eu, é o Murilo Filho, é

responsabilidade dele. O que nós sabemos, sabemos entre aspas, porque é ficção, é que existiu um cara chamado Peralvo, que era um excelente jogador, e que teve a carreira interrompida tragicamente.

Não pensei em nenhum jogador, mas é curioso que a maneira como eu imaginei o Peralvo, um jogador muito esguio, leve, habilidoso, lembra o Neymar. Só que o Neymar nem existia na época em que escrevi esse conto.

Naquela Copa de 1970 o Pelé fez coisas geniais. Por exemplo, tentou fazer um gol de antes do meio de campo ao ver o goleiro adiantado. Por que escolheu o drible?

É uma jogada muito famosa, emblemática, não tive nenhuma dúvida de que seria essa a jogada interessante. Para a cena de abertura eu queria um lance que estivesse na memória coletiva dos torcedores porque a ideia era esticar o tempo daquela narração ao máximo até aquilo começar a ficar irreconhecível, tirar aquilo do tempo histórico e jogar no tempo circular dos mitos onde aquilo vai ser repetir para sempre, que é onde o futebol está na cabeça do Murilo Filho. Ele é um completo alucinado pela magia do futebol.

O livro é uma homenagem ao futebol e também às pessoas que ajudaram a construir o mito do futebol no Brasil. Você é saudosista?

Acho que o futebol brasileiro viveu ali o seu auge, ele obviamente está em decadência. O Brasil ainda é um país que tem um futebol forte, é uma das potências, mas os clubes brasileiros estão numa fase ruim, os jogadores são exportados muito novos, o que impede uma identificação com a torcida. Enfim, não é um momento bom. Mas eu não sou exatamente saudosista, porque o saudosista acha que tudo era melhor. E não era. A vida de um jogador naquela época era muito mais difícil, mesmo os grande jogadores da geração do Pelé ganharam, durante a vida toda, o que o Neymar ganha num mês. Então tem muitos casos tristes de jogadores que morreram na miséria, o próprio Garrincha. Ou seja, não é que tudo era melhor, mas aquela conjunção de fatores daquela época permitiu ao Brasil criar uma mística de futebol que dura até hoje, mas a gente já não faz jus a ela há muito tempo. Então acho que é o retrato de uma época... é engraçado que esse livro tenha saído antes do 7 a 1, porque o 7 a 1 marca muito claramente o fim de uma hegemonia. O Brasil virou piada, se torna piada com o 7 a 1, inclusive para nós mesmos. Doeu muito menos que 1950 [quando o Brasil

foi derrotado no Maracanã pelo Uruguai na última partida] porque ficou ridículo, virou uma comédia. E 1950 é pura tragédia, é pesado. O 7 a 1 não é. Acho que hoje a gente ainda está num processo de negação. Mais cedo ou mais tarde vai ter que encarar e absorver, mas vai demorar.

É que foi tão absurdo, nunca mais na história o Brasil perde de 7 a 1 para ninguém.

É absurdo. Por mais que você identifique os erros e as fraquezas do time, a pressão excessiva em cima daqueles jogadores, o descontrole emocional do Tiago Silva, o capitão que chorava a cada jogo... Mesmo assim o Brasil não perde de 7 a 1 da Alemanha, não é o normal. Ali baixou um santo ruim [sorri]. Poderia servir como um alerta, mas a gente não acordou ainda. As estruturas não mudaram. Hoje temos um técnico fraco, o Dunga é um técnico muito fraco, e acho que ainda vai cair a ficha do 7 a 1, ainda não caiu. É muito recente.

Não há nenhum técnico brasileiro a treinar uma equipe na Europa, isso é sintomático, não é?

Acho que nessa parte de tática a gente ficou para trás mesmo.

Talvez porque existia aquele mito de que com habilidade e magia se resolvia tudo.

Sim, que o planejamento não é o nosso forte. Mas isso não é bem verdadeiro, o planejamento da seleção de 70 foi muito bem feito. O Brasil tinha um preparo físico superior a todos naquela Copa. O Zagalo tinha uma visão de ponta esquerda recuado que era, para a época, moderna. O Tostão era um jogador que jogava no campo todo. Mesmo taticamente o Brasil andou para trás, eu acho. Ou ficou parado e os outros evoluíram.

Logo no começo do livro você diz que o não gol foi o maior momento do futebol. Foi mesmo?

Isso quem diz é o Murilo [risos]. Eu tendo a achar que o maior momento da história do futebol tem que ser um algum momento brasileiro, porque pelo menos até hoje o que o Brasil conseguiu fazer no futebol garante ainda essa hegemonia nas antologias. Para mim o Pelé foi o maior jogador da história. O Maradona foi genial, mas não dá muito para comparar o que um fez e o que o outro fez, e não falo só de resultados, falo de mística mesmo. O Pelé era um jogador negro que se tornou uma referência mundial nos anos 60, num momento em que a luta dos negros norte-americanos

era uma coisa que surgia, ele é contemporâneo de Muhamed Ali, de Malcolm X, estava dentro de uma coisa que transformou-o num símbolo muito maior do que ele mesmo. O Pelé até é uma figura conservadora politicamente, meio omis-sa nas questões polêmicas. Mas independente de quem ele seja, ele estava no lugar certo na hora certa, num momento em que o futebol começou a chegar ao mundo inteiro pela televisão, que até então não chegava. Ele era «o cara» da vez. E isso faz do Pelé um personagem muito maior do que qualquer outro jogador de futebol de antes ou de depois. Até porque hoje é outra coisa, é tudo em tempo real, você vê as jogadas todas.

Sim, até dizem que o gol mais bonito do Pelé não está registrado em vídeo, ou perdeu-se.

Ele mesmo diz que foi o mais bonito, né? Onde ele dá vários lençóis antes de marcar o gol. Não sei se esse lance, do livro, é o mais famoso do Pelé. Eu sei que quando eu o entrevistei, antes da Copa, o livro já tinha saído, ele disse que tinha lido, que tinha gostado – eu fiquei muito feliz –, mas disse: vocês adoram falar desse gol que eu não fiz, eu fiz tantos, porque vocês gostam tanto de falar do gol que eu não fiz? Eu acho que justamente por isso, fica ali uma insatisfação que

faz com que você volte àquele momento. Se ele tivesse feito o gol talvez aquele momento se encerrasse ali.

É como se vissemos o lance de novo para ver se um dia a bola entra.

Exato. Uma esperança de que a bola vai entrar, né?

Em 1970 você tinha oito anos. Tem lembranças? Aque-la foi a primeira Copa do Mundo televisionada no Bra-sil, não é?

Ainda em preto e branco. A primeira Copa colorida no Brasil foi a de 74. Eu tenho, me lembro bastante bem. Não desse lance, mas lembro do clima de comemoração da mi-nha família, dos meus tios. Mas é a tal história, são coisas que você já reviu tantas vezes que já não sabe o que viu na época e o que viu depois. Mas eu sei que eu estava lá e que vibrei muito.

Durante muitos anos a minha vida foi contabilizada pelas Copas do Mundo. Calculava o tempo em Mun-diais.

Acho que eu também.

A primeira Copa sua com lembrança é 70?

Sim, e a partir daí eu me lembro de tudo. 82 foi o meu 1950 pessoal. Eu fiquei muito arrasado. Em 1986 eu já estava trabalhando como jornalista e aí você começa a desmistifi-car um pouco a coisa, quando você chega muito perto aquilo também perde um pouco da magia. Até 82 foi, digamos, a minha fase romântica.

Você não viu o Pelé jogar, ou viu?

Eu vi o Pelé jogar em amistosos quando ele já estava apo-sentado. Uma vez eu o vi jogar com a camisa do Flamengo, num jogo contra o Atlético. O Flamengo do Zico e o Atlético do Cerezo e do Reinaldo. E o Pelé jogou no Maracanã com a camisa do Flamengo. Ele já estava meio velho, meio gordo, mas jogou para caramba, o cara jogava muito. Jogava para-do, mas o que ele fazia era incrível.

E o Maradona você viu...

Vi, eu estava na Copa de 86, na final no Estádio Azteca.

E agora, quase 30 anos depois, o Azteca aparece no seu livro, nas memórias do Murilo.

Eu com certeza não teria escrito este livro, ou pelo me-

O NÃO GOL DE PELÉ

Semifinal

Copa do Mundo FIFA 1970
Estádio Jalisco, Guadalajara



BRASIL

3



URUGUAI

1

3. Contorna o goleiro ...

4. E falha a baliza do Uruguai ...

2. Pelé dribla o goleiro Mazurkiewicz, sem ter tocado na bola ...

1. Tostão faz um passe longo para Pelé.

nos não desta forma, se não tivesse trabalhado no jornalismo esportivo e conhecido alguns desses personagens que estão aqui, como o Saldanha, com quem eu trabalhei lado a lado. E provavelmente também não existiria este livro se eu não tivesse participado da cobertura de Copas do Mundo, vivido aquilo de alguma forma, e estado no México. E aqui tem uma coincidência feliz que foi que 16 anos depois (do drible do Pelé) eu estive no palco onde aconteceram todas aquelas coisas, isso ajudou. Não que seja autobiográfico, de jeito nenhum, mas acho que quando você escreve acaba por usar coisas da sua vida, pedaços de memórias, de pessoas e lugares.

No livro está a questão de como o futebol pode servir de uma ponte entre um pai e um filho, principalmente a partir da adolescência quando os gostos e visões de mundo vão se distanciando. Com você também serviu?

Não aconteceu isso comigo, o meu pai era muito avesso ao futebol. Era torcedor do América, como o Murilo do livro, mas era um torcedor pró-forma, não ligava para aquilo. E nem tentou transformar os filhos em torcedores do América, ainda bem, porque o América já estava em decadência

naquela época. Então não é uma experiência pessoal, mas é algo que eu vejo, que eu sempre vi acontecer com todo mundo à minha volta, o futebol como uma linguagem que une pai e filho, e avô também, porque é uma coisa que passa muito bem entre as gerações. Ao contrário de todo o resto, vai falar de música, de política, vão se desentender. Futebol não, tem uma coisa de atemporalidade. Mesmo os craques do passado são cultuados, continuam sendo cultuados. É um cimento entre gerações muito forte.

E essa paixão que você sentia pelo futebol aos 20 anos nunca voltou?

Não é que eu tenha me desapaixonado, é que acho que quando você chega muito perto as coisas perdem um pouco aquela aura que tinham à distância. Para mim a Copa do Mundo talvez fosse a coisa mais importante da minha vida até uma certa idade.

Aquela tristeza quando acabava a Copa. Só daqui a quatro anos...

Exatamente. E agora, o que é que eu faço? [Risos] Isso claro que passou, ainda bem que passou, mas não acho que

tenha havido uma diminuição da paixão, eu continuei gostando muito de futebol e entendendo até mais, e lendo mais sobre ele. O futebol passou a ser não só uma coisa de ver, mas também de ler, de pesquisar a história. Num certo sentido talvez a paixão se tenha até aprofundado. Mas por um outro lado um ceticismo, o que é bom também, porque você vê que aquilo é uma grande encenação e que tem muita podridão por trás.

Acho que no meu caso diminui a paixão por um clube. Gosto de ver um bom jogo, independente de torcer para alguma das equipes.

A apreciação estética, não é? Eu tenho muito isso também. Sou torcedor do Flamengo mas não sou doente. Gosto de ver os jogos, me envolvo com o Flamengo mais do que com outros clubes, mas o que eu gosto mesmo é de ver o jogo bem jogado, esse prazer estético do futebol. Acho que tem muita gente assim. O futebol é um jogo bonito se bem jogado. Hoje na Europa os times de ponta estão jogando um futebol espantosamente bom. Dá até pena ver um jogo do Campeonato Brasileiro depois de ver um Barcelona x Real Madrid, ou o PSG, ou os melhores times da Inglaterra, Ale-

manha, etc. Não tem comparação. O que eles estão jogando hoje é uma outra coisa um pouco diferente do que se joga no Brasil. O gramado é diferente, não tem buracos, o domínio de bola, a velocidade...

E a questão tática também. Não é à toa que não há nenhum treinador brasileiro a comandar um time de ponta na Europa.

É verdade... Mas o que eu acho que era bom dizer nesta entrevista é que o livro não é um livro de futebol, é um romance. Tenho medo de assustar as pessoas que não gostam de futebol e que podem achar que o livro não é para elas. Tem muita gente que não gosta de futebol e que gosta deste livro. Acho que, antes de tudo, é um drama de família, a história de pai e filho. E através da relação desses dois, em miniatura, tenta contar a história do Brasil de 50 anos para cá, caracterizando muito a geração do pai, do início dos anos 60, e do filho, que é um cara que cresceu na ditadura, como eu, e chega à idade adulta no fim da Ditadura. São dois Brasis completamente diferentes, dois Rios de Janeiro completamente diferentes.

Sim, é tudo isso, mas se não tivesse o futebol aqui...

Sem dúvida, a partir do título está muito claro que eu não renego o futebol. Colocar o futebol dentro de um romance implicou uma série de dificuldades, acho que foi isso basicamente o que me levou tanto tempo para conseguir fazer, de uma forma que não traísse o futebol e também não traísse o romance. Talvez a grande dificuldade de tentar colocar o futebol dentro da ficção, e há poucos livros de ficção que tratam de futebol, seja fazer uma coisa que não fique subalterna ao futebol porque o futebol é uma coisa muito grande, muito apaixonante, muito cheia de histórias. Para que o ficcionista, que é um mentiroso, quer chegar com as suas mentiras para colocar no mesmo nível disto? Não dá.

Os filmes sobre futebol são muito maus, em geral. Porque é muito difícil que a encenação de um gol transmita o que é um gol. No cinema não conseguiriam refazer, com atores, esse lance do Pelé. Não ficaria crível. No seu livro você consegue, de alguma maneira, recriá-lo.

Acho que isso foi a chave do romance todo, não é à toa que é o primeiro capítulo, embora não tenha sido o primei-

ro que eu escrevi. O escrevi bem mais tarde, mas eu decidi deixá-lo na abertura porque acho que é uma chave, não da trama, mas da linguagem do livro. Um dos problemas que surgem na hora de escrever sobre o futebol na ficção é que o futebol é narrado demais, na rádio, na tv, na internet, no jornal do dia seguinte. Ele não sofre de falta de narração, ele sofre de excesso de narração. Então há uma série de clichés e lugares-comuns e de uma linguagem já meio cristalizada que vai se colando nas jogadas e que é muito difícil de quebrar, quando você vê uma jogada você já está contaminado por toda uma linguagem que tem em volta dela. Como descrever um lance como se ele estivesse acontecendo pela primeira vez? Essa era a grande dificuldade. Então eu pego um lance que os nossos olhos já estão cansadíssimos de ver e tento descrevê-lo de uma forma que parece, ao leitor, que ele está vendo aquilo pela primeira vez. Esse era o desafio técnico que eu tinha. E a solução que eu encontrei foi a de esticar o tempo até aquilo ficar irreconhecível, e acho que aí eu abri uma porta para falar desse mundo do futebol de uma maneira pelo menos um pouco original.

JOSÉ SARAMAGO

CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



José Mattoso



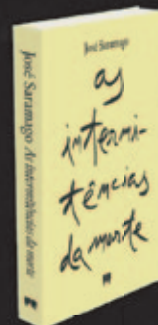
Eduardo Lourenço



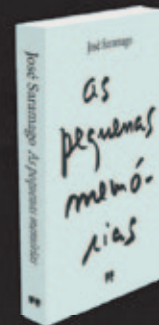
Armando
Baptista-Bastos



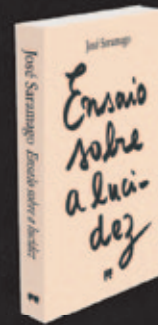
Mário de Carvalho



Valter Hugo
Mão



Gonçalo M.
Tavares



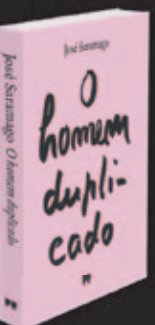
Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



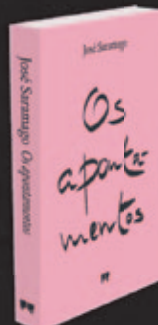
Júlio Pomar



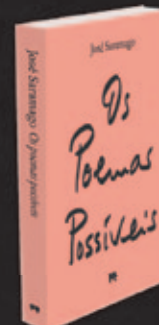
Lídia Jorge



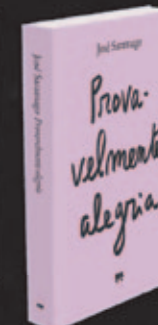
Mia Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.



12 EDITORAS

APENSAR

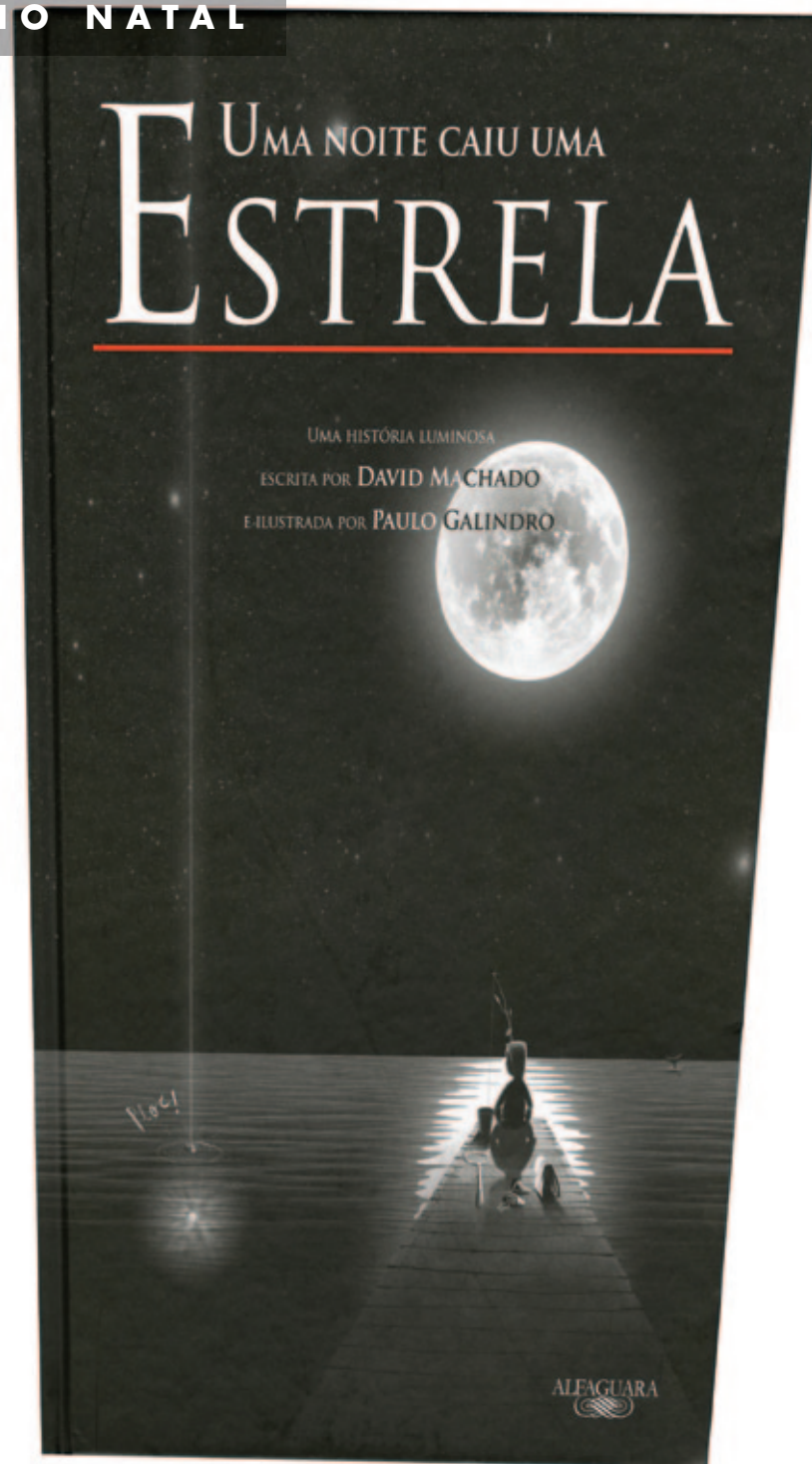
ANDREIA BRITES

NONATAL

DESDE SETEMBRO QUE AS EDITORAS ANDAM NUMA AZÁFAMA DE PRODUÇÃO. UMAS MAIS DO QUE OUTRAS, APOSTAM NESTE ÚLTIMO TRIMESTRE PARA RENOVAREM CATÁLOGOS E TENTAREM GARANTIR ALGUM ESPAÇO DE VISIBILIDADE NAS LIVRARIAS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO. O NATAL É UM DOS MOMENTOS ALTOS PARA O MERCADO DO LIVRO. SÃO MUITAS DEZENAS DE TÍTULOS AQUELES QUE SE VÊM EDITANDO MAS ALGUNS MERECEM ESPECIAL ATENÇÃO ENQUANTO OBJETOS E COMO PARTE INTEGRANTE DE PROJETOS EDITORIAIS. A *BLIMUNDA* ESCOLHEU OS MAIS RECENTES LIVROS DE DOZE EDITORAS, A QUE VALE A PENA ESTAR ATENTO.

Alfaguara

É a segunda vez que se concretiza a parceria entre David Machado e Paulo Galindro, agora na Alfaguara. Depois do muito bem conseguido *O Tubarão na Banheira* chega agora ***Uma Noite Caiu Uma Estrela***, um livro ilustrado a preto e branco com pequenos apontamentos a vermelho, que versa o medo e o seu contrário. A história poderá ser singela, mas o domínio que **David Machado** tem dos tempos e dos recursos retóricos promove uma composição subtil e delicada, muito mais equilibrada do que aquela com que se estreou na literatura, *A Noite dos Animais Inventados*. O tempo e a obra têm vindo a confirmar a maturidade da sua escrita, cuja complexidade é menos evidente mas não menos presente. A estrela que cai do céu é por si só um momento poético mas as consequências são duplas. Aquilo que permitirá ao menino alterar a sua autoimagem e a imagem que considera que os outros têm de si será também o despoletador da efetiva mudança. **Paulo Galindro** opta por uma solução gráfica arriscada (o preto não abunda na ilustração infantil, embora já não lhe esteja tacitamente interdito) que reforça o principal jogo do texto, literal e simbólico, entre luz e escuridão. Não é difícil, para quem conheça o trabalho do ilustrador, imaginar as mesmas imagens plenas de cor e textura. A surpresa final é, do ponto de vista gráfico, a cereja no topo do bolo.



Booksmile

A Booksmile continua a editar clássicos. Embora passem muitas vezes despercebidos no catálogo muito abrangente da editora, Astrid Lindgren ou José Mauro de Vasconcelos não são nomes de somenos importância. Neste final de ano chega às livrarias um inédito de **Dr. Seuss, *Que Amigo Levo Comigo?*** e o anúncio de que outras obras do emblemático autor, como *The Cat in the Hat*, serão lançadas em 2016. Neste álbum o leitor reconhece a cadência poética ao serviço do humor e o desconcerto que a narrativa provoca. Não chegamos ao nonsense mas somos postos à prova.

Neste caso a situação é simultaneamente realista e especial: dois irmãos têm permissão dos pais para irem, sozinhos, a uma loja de animais com o propósito de escolherem um. Mas tomar decisões nem sempre é fácil e os dois irmãos sentem-se deslumbrados a cada descoberta, que Seuss evidencia com uma ilustração plena de movimento, jogando com espaços e perspectivas que potenciam a experiência subjetiva e lúdica das crianças. Seuss é um autor de referência e vê-lo nas livrarias é uma excelente notícia.



Booksmile

Tão boa quanto encontrar novamente o clássico sobre o nazismo **Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-Rosa**, de **Judith Kerr**, há muito esgotado na edição da Caminho. Traduzido pela escritora e jornalista Carla Maia de Almeida, que assina uma introdução chamando a atenção para os anacronismos da História, esta narrativa semi-autobiográfica é quase tão indispensável quanto O Diário de Ann Frank. Ao contrário de muitas outras, que abordam o Holocausto seguindo quem é perseguido dentro da Alemanha, aqui a protagonista, Anna, foge com a família imediatamente antes da subida de Hitler ao poder. O que o leitor acompanha é a sua fuga, as notícias que tem do seu país, a saudade e a necessidade premente de se adaptar a novos lugares, novas línguas acomodando uma memória e uma mágoa que se deseja esquecer mas não desaparece nunca, como uma sombra.



Bruaá

A Casa Que Voou resulta de uma nova parceria de Davide Cali, um dos mais prolíficos e internacionais escritores da atualidade. Em Portugal, tem livros em cinco editoras (Bruaá, Kalandraka, Planeta Tangerina, Orfeu Negro, Gato na Lua) e regressa agora àquela que deu a conhecer a sua obra-prima com Serge Bloch, *Eu espero....*. Desta feita, a parceria aconteceu com **Catarina Sobral** que ilustrou uma viagem inusitada de uma casa e os esforços vãos do seu dono para a recuperar junto de diversas instituições públicas. A narrativa promove um encontro entre uma burocracia quase kafkiana e um regresso à origem, à natureza como resposta à indiferença e ao esquecimento. O texto de **Davide Cali** nunca se deixa, todavia, contagiar por semânticas morais, recorrendo a uma estrutura muito simples e até certo momento repetitiva que alimenta a curiosidade e a frustração sem esconder um certo humor de situação. A figuração de Catarina Sobral, que a autora tem vindo a trabalhar desde *O Meu Avô*, realça essa dualidade a resvalar para a tragicomédia pela elegância contida das personagens. O recurso ao carvão, o detalhe na composição dos espaços em relação e a opção pelas cores primárias dotam esta narrativa de uma simplicidade aparente, plena de detalhes para explorar. Embora neste caso a ilustração não seja parceira na progressão da ação, amplia o seu contexto num ambiente dual.



Caminho

Manuela Castro Neves tem sido uma escritora discreta no catálogo da Caminho. Entre a poesia e a prosa, o estilo serve um duplo propósito: um sentido didático e outro narrativo. O que Manuela Castro Neves sabe fazer como poucos é ser totalmente transparente nessas manifestações, sem moralismos ocultos, e assim alcançar uma harmonia efetiva do ponto de vista retórico e estrutural. ***O Pato Amarelo e o Gato Riscado*** é uma história de maior dimensão que as dos álbuns, pontilhada por um refrão que pausa a progressão da ação e acompanha a odisseia de um gatinho que tenta regressar a casa, depois de bruscamente apartado do seu amigo pato. A interajuda e a normalidade da diferença são dois tópicos subjacentes à ideia principal da narrativa mas, mais uma vez, sem o exagero moralista que mata muitas histórias com moral. **Madalena Matoso** ilustra o conto, tal como aconteceu com outros títulos. A sua geometria, o uso das cores primárias e o ângulo a partir do qual dá a ver esconde uma visão global desnecessária e alimenta a curiosidade. O pato e o gato, que surgem isolados da família, são finalmente retratados no seu espaço mais íntimo, no final da história, oferecendo uma catarse visual ao leitor que agora se apazigua com o final feliz que não apenas reconhece no texto como identifica nas ilustrações.



Circo de Ideias

A Casa do Senhor Malaparte inaugura a coleção «Casas com Nome» que a editora Circo de Ideias vai dedicar a algumas casas, emblemáticas do ponto de vista arquitetónico. A intenção da coleção é justamente a de contar a história dessas casas, todas do século XX, de um ângulo literário e imagético. A casa de estreia é apresentada por **Joana Couceiro** em nove capítulos poéticos, da aparência à construção, da disposição das divisões a quem nela habita, e como habita. Em Capri, uma casa fundida com o espaço rochoso, montanhoso e marítimo, foi amante de um escritor de mau feitio e solitário, mesmo que rodeado de amigos. As ilustrações de **Mariana Rio** reforçam o sentido simbólico e minimalista, com o recurso a padrões, geometrias que ora dominam ora se destacam no fundo totalmente preenchido das longas páginas, figuras em rotação e dimensões subvertidas, tudo isto através de uma reduzida paleta de cor: azul, laranja e cinzento. Não é um livro especialmente para crianças, é um livro que possibilitará que os leitores, sejam eles quem forem, cruzem artes e estéticas através de uma narrativa quase mítica.



Edicare

A marca, originalmente identificada com brinquedos infantis de qualidade, tem apostado nos últimos anos na edição de livros de autor, a par com livros-jogo e livros informativos. Da mesma ilustradora das histórias tradicionais em harmónio, chega agora **O Muito Grande Pequeno Polegar** num livro de grande formato que reproduz o texto de Perrault. **Clémentine Sourdais** regressa ao recorte de papel, como nos títulos anteriores, e à sobreposição das páginas com recortes a ilustrações planas, de grande efeito cenográfico.



Edicare

Emma Giuliani, autora de *Vir ao Mundo*, também conta com um novo livro, ***Bolas de Sabão***. O tempo é o tema, a memória e os sentidos o seu motor, num regresso à infância de uma menina com a mesma poética delicada e sugestiva a que a autora se mantém fiel. As estratégias gráficas e de composição são muito semelhantes às que se observam no álbum anterior: janelas que se abrem, colagens, formas sem contorno, geometrias e movimento.



Edicare

A dupla que chegou pela mão da Bruaá (*Popville* e *A Floresta da Preguiça*) assina ***Oh! O meu Chapéu***, mais um livro pop-up que desta vez acompanha um menino pela cidade em busca de um chapéu azul, roubado por um macaco. A narrativa suporta a imagem, e o desafio decorre precisamente de encontrar o ladrão, que sempre se esconde atrás de móveis, balões, árvores, prateleiras ou caixas, que saltam das páginas devido à técnica do pop-up. O chapéu, que nasce de um desenho no início do livro, é a pista visível, porém entre outros objetos com a mesma forma e cor. Não há neste livro nenhum efeito cumulativo ou subtrativo, apenas a alteração do cenário a cada nova página dupla. No entanto, o propósito cumpre-se e o leitor é obrigado a manejar o objeto na tentativa de observar o que não é dado a ver.



Kalandraka

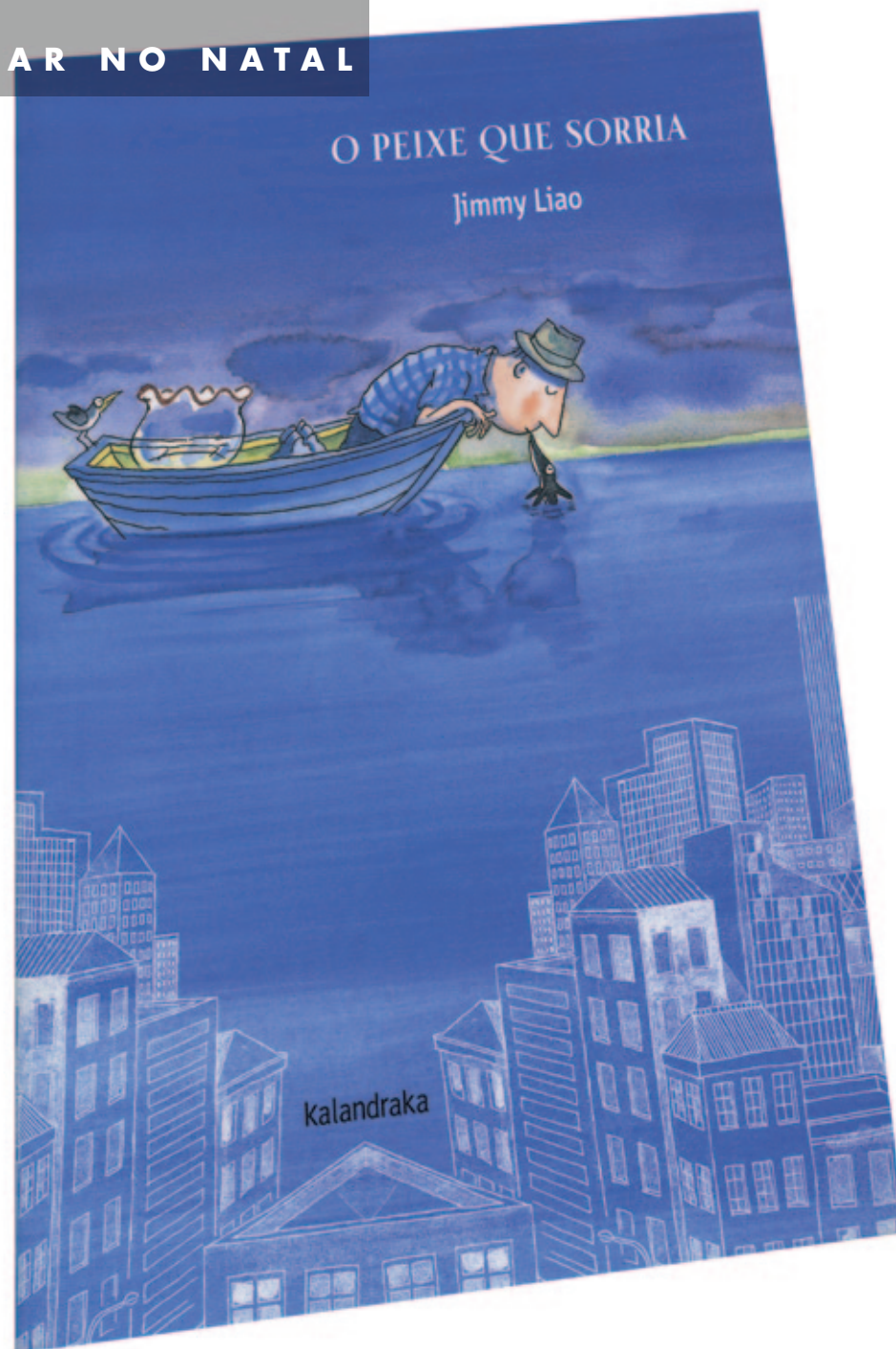
Delphine Chedru chegou a Portugal com o seu *Cavaleiro Coragem*, um livro-jogo editado pela Orfeu Negro. Depois das aventuras inesgotáveis do cavaleiro, a autora regressa com nova proposta. ***Olá Adeus*** é um mostruário de opostos que coexistem na mesma imagem mas não se leem em simultâneo. Com recurso a duas películas, uma vermelha e outra azul, o leitor observa cada uma das situações descritas e, ao mudar de lente, acede a outro espaço, outras personagens e até outras ações. Acontece em alguns quadros um efeito paradoxal na leitura porque o que a imagem nos oferece em primeiro plano é o inverso do que precisamos de encontrar. Essa busca pela perspetiva revela-se quase como um metatexto visual e desafia a velocidade da leitura.



Kalandraka

Se Delphine Chedru se estreia na Kalandraka, **Jimmy Liao** reincide. É sabido que a editora aposta desde sempre na publicação da obra de um conjunto de autores, alguns deles os chamados clássicos contemporâneos como Maurice Sendak, Eric Carle, Tomi Ungerer ou Anthony Browne. Faz por isso todo o sentido o lançamento de ***O Peixe Que Sorria***. Este é provavelmente o mais profundo dos três livros até agora editados em Portugal e nele reconhece-se o forte sentido onírico de Jimmy Liao. O engano de acreditar que um peixe pode ser, simultaneamente, um amigo fiel e leal e uma amante, o

consolo que manipula e uma epifania, assim se resume esta narrativa poética, assente numa lógica visual cinematográfica a que as palavras acrescentam sumariamente a subjetividade do protagonista. O final fica em aberto, como em *Desencontros*, apesar das pistas se encaminharem para a felicidade.



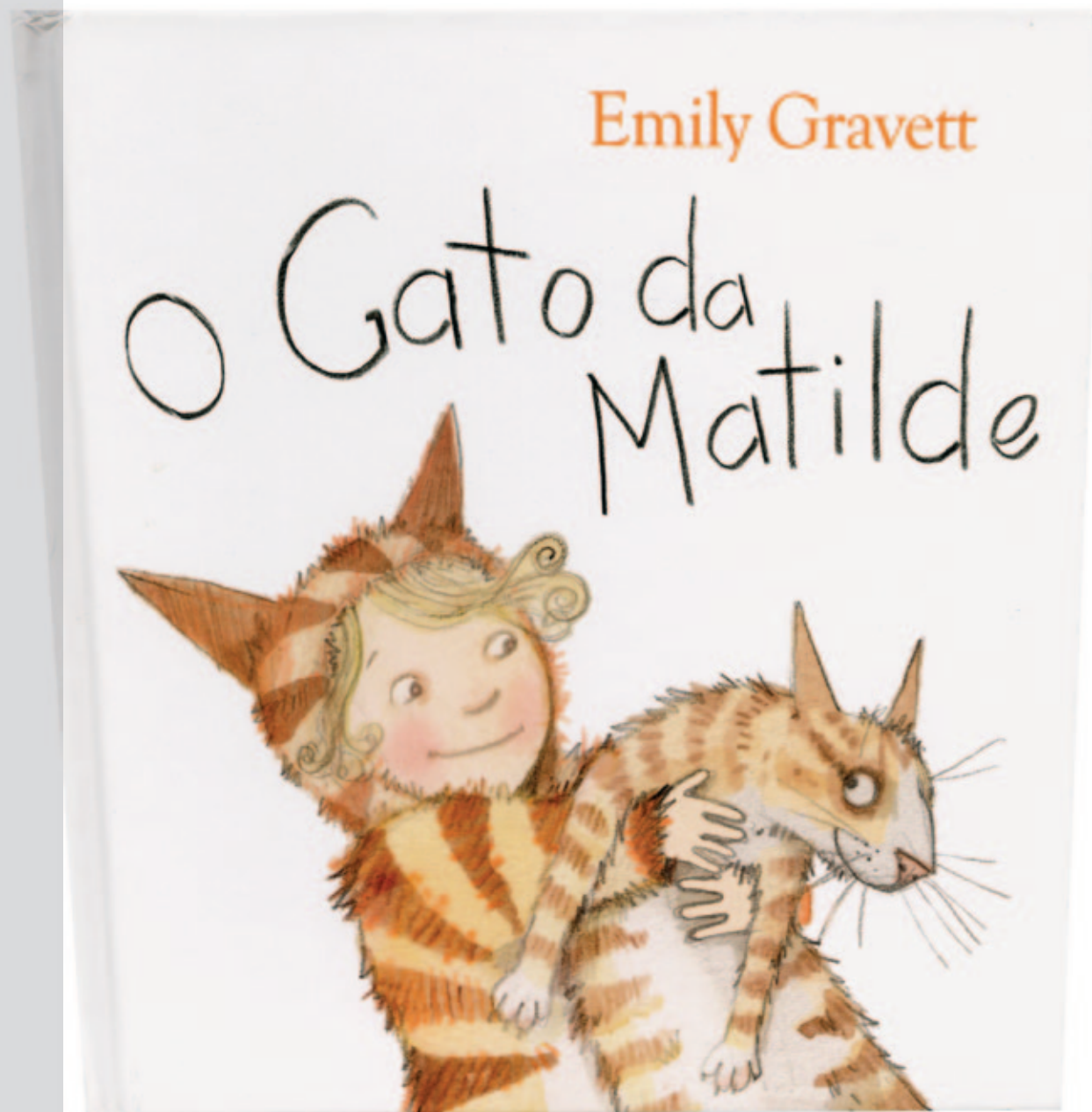
Livros **Horizonte**

A editora continua a reeditar a obra de **Matilde Rosa Araújo**, num novo formato e com capa dura. ***O Menino dos Pés Frios***, com ilustrações de **Ana Afonso**, resulta de uma seleção da coletânea original *O Sol e o Menino dos Pés Frios*, datada de 1973. A implicação ideológica pelos valores da solidariedade, a melancolia como vestígio da memória e a inocência feliz da infância são os principais temas da obra que reflete aliás a identidade da escritora, uma das referências da literatura infantil portuguesa.



Livros **Horizonte**

Ao invés, nada mais contemporâneo que **Emily Gravett**. O humor que deriva do equívoco, o final surpreendente, as referências implícitas, a rasura, são técnicas que a autora domina e aplica com segurança nos seus álbuns. **O Gato da Matilde** resulta de uma tensão comum, quando a criança quer obrigar o seu animal doméstico a replicar o seu comportamento e interagir como se de uma pessoa se tratasse. As tentativas de Matilde e as respostas do bichano acumulam-se até ao desfecho que inevitavelmente rouba um sorriso rasgado ao leitor.



Orfeu Negro

Ambos os livros parecem vindos de outra dimensão. É certo que não é a primeira vez que a Orfeu Negro desafia os seus leitores mais pequenos com livros-jogo (recentemente *Tirar e Pôr*). Mas o que acontece em **O Meu Irmão Invisível** é de carácter narrativo: a história é simples e segue os passos de uma criança enfiada numa caixa que vê o mundo ligeiramente diferente do que ele realmente é. Acontece porém que, devido a uns óculos de lentes vermelhas, o leitor acompanha o menino na sua observação. Sem eles, regressa ao mundo real e apercebe-se dos equívocos que a ilusão ótica lhe causou. **Ana Pez** consegue mostrar, com jogos de sobreposição e delimitação de formas usando apenas o laranja, o azul e o preto, duas versões do mundo, acompanhando o relato da irmã mais velha que controla de longe a situação. Esta viagem ao imaginário não se fica pela sugestão textual, leva o leitor a acreditar e obriga-o a repetir a jornada. Assim se desconstrói o edifício confortável da associação simbólica e se abre a porta a uma inferência moral: ninguém vê pelos olhos dos outros. Para isso, temos mesmo de nos colocar no seu lugar, isto é, pôr os óculos.



Orfeu Negro

Já em **O Professor Astrogato nas Fronteiras do Espaço** a aventura é astronómica. Com uma dimensão generosa, que faz lembrar as enciclopédias ilustradas, este livro informativo segue um gato astronauta e o seu amigo rato numa viagem pelo sistema solar, pela lua, pelas constelações, e pelos artefactos inventados e desenvolvidos pela ciência para chegar mais longe, na descoberta do espaço. A ilustração, a cabo de **Ben Newman**, autor de banda-desenhada e diretor de arte da Nobrow, tem múltiplos elementos para explorar, entre caixas de texto, balões de fala e vinhetas que acompanham processos e movimentos. De fácil navegação, o livro oferece imensas informações enciclopédicas, bem ao gosto dos leitores.



Pato Lógico

A Pato Lógico continua a apostar em **Antônio Jorge Gonçalves** que, depois de *Barriga de Baleia*, lança agora ***Quero a Minha Cabeça!***. Os fundos de cor intensa, o preenchimento das formas com cor e os contornos rebuscados não enganam o olhar. O ilustrador mantém a mesma linha estética do primeiro para o segundo álbum que escreve e desenha a solo. Do ponto de vista narrativo, a retórica é também ela semelhante. Alimenta um universo onírico que parte de uma transgressão, própria da infância (em resposta ao incessante apelo do pai para que a menina saia do baloiço, ela responde sistematicamente que não). Todos ali se reconhecem. Depois, uma aventura que não parece reverter a criança à lucidez da obediência, e uma catarse final. É uma história com uma moral óbvia, patente no desenlace. O que o álbum tem de mais original, para além do sentido de humor, é precisamente a ilustração daquela aventura, e de como o espaço condiciona a narrativa, transportando-a para lugares outros, desconhecidos, e sempre pouco desvendáveis, pela escolha do plano nas páginas, que revelava apenas um pormenor numa amplitude sugerida mas inacessível ao olhar.



Planeta Tangerina

Do Planeta Tangerina chega um novo escritor ao catálogo infantil: **Gonçalo M. Tavares** assina o texto de um dicionário ilustrado por Madalena Matoso. O **Dicionário do Menino Andersen** é o segundo dicionário da editora, depois de **ABZzzz**, e traz novas definições para objetos do quotidiano, pela pena inspirada de um menino, oportunamente com nome de escritor. Que relação se pode estabelecer entre a lei da gravidade e um armário? Que dupla de estações do ano existe na cozinha? A que velocidade anda um cavalo parado? Seguindo um discurso lógico e silogístico, Gonçalo M. Tavares subverte a perspectiva de estar no mundo e surpreende pela contenção, pela originalidade e, finalmente, pela efetiva possibilidade de verdade. Filosofia, poesia e abstração, que **Madalena Matoso** configura entre geometrias de linhas e formas, descrições minimalistas e suspensões.



Planeta Tangerina

Para saudar o novo ano, a célebre agenda bienal nasceu surpreendentemente crescida. **Um Ano Inteiro** é muito mais do que uma agenda. Complementar a *Lá Fora*, este guia oferece informações e sugestões para explorar a natureza semana a semana, de acordo com os ciclos, as transformações e movimentações de animais e plantas. A agenda começa no solstício do inverno, a 21/22 de dezembro e segue até ao final do outono. Observar aves, trilhos deixados por rastejantes e não só, identificar nuvens e acompanhar o crescimento de um bolbo são apenas algumas propostas. Aqui, o leitor inspira-se e aprende sobre espécies autóctones, aquelas em que muitas vezes não repara. Ainda acresce uma relação contextual com a tradição, a geografia e a cultura, com um poder de síntese que faz o texto parecer simples. As ilustrações são monocromáticas para cada estação e oscilam entre quadros paisagísticos e aproximações aos protagonistas do momento. Uma agenda

intemporal, perfeita para tempos acelerados, porque nunca se perde definitivamente no passado, nem obriga o leitor à frustração de não ter correspondido. Uma agenda intemporal renova permanentemente os planos para o futuro.



Presença

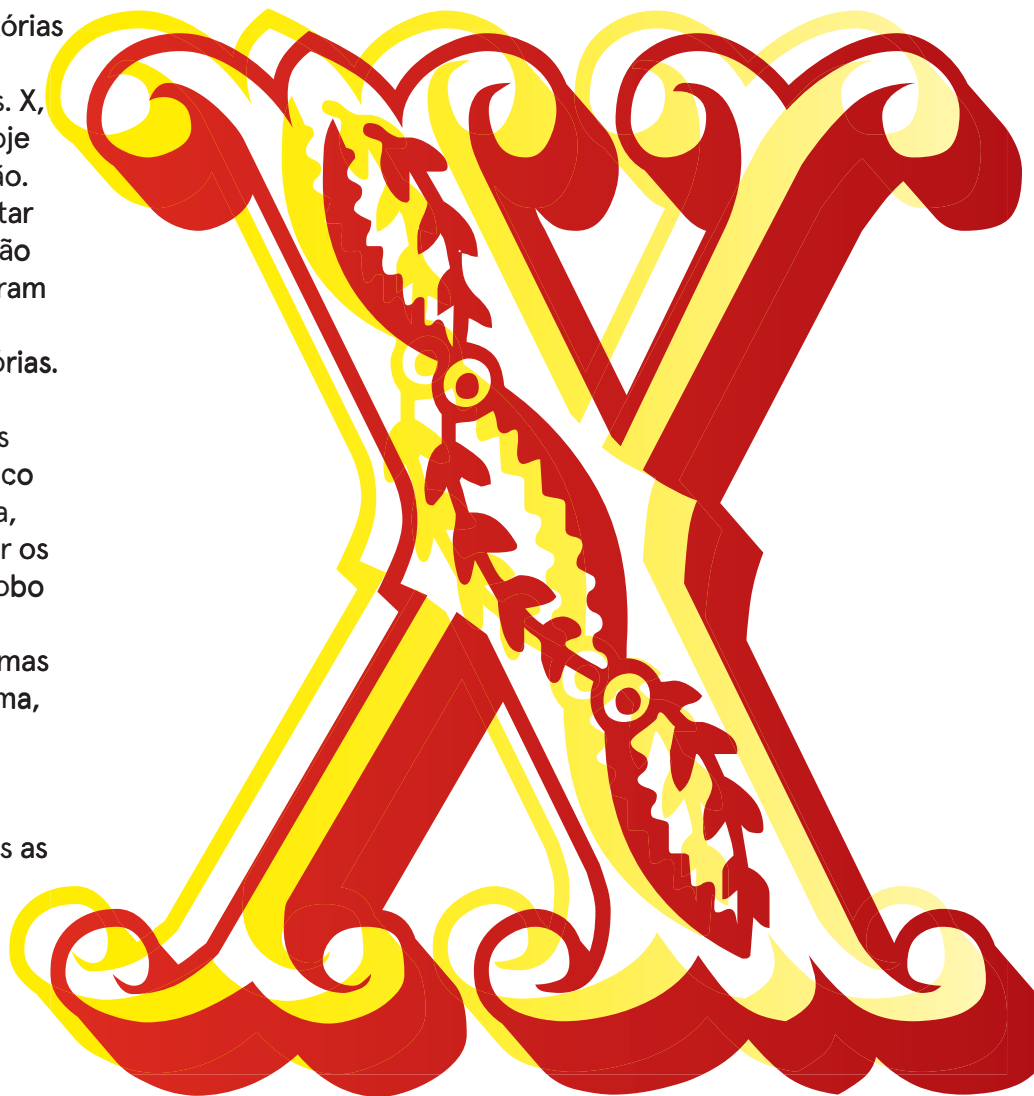
O grande destaque editorial da Presença vai para mais um título de **David Almond**, um dos grandes autores juvenis da atualidade. **Uma Criatura Feita de Mar** não é uma novela e sim uma coletânea de contos dispersos que agora se compilam e têm a particularidade de serem introduzidos pelo escritor. Como se de um concerto comentado se tratasse, Almond relaciona a realidade da sua infância, as pessoas com quem se cruzava, os lugares onde ia, os afetos e os temores, com cada uma das histórias, avisando prontamente o leitor para a inevitabilidade da ficção. Sendo esta uma obra juvenil, a atenção ao metatexto ganha um especial interesse, no sentido de contribuir para uma leitura crítica. A matéria dos contos nada diminui nem acrescenta ao estilo e ao pensamento de Almond. Do nada cresce uma inquietação, que não é outra coisa que uma das inúmeras possibilidades de pensar a experiência, seja ela qual for, ganhando com os seus equívocos, paradoxos e sonhos.



Xis

X histórias que me contaste tu. Histórias de um escaravelho contador, de gatos, cães, casas, gigões e anantes. X, variável aleatória com que conto hoje os pássaros da cabeça e do coração. X versos que nos deixaste para contar às crianças, numa infinita provocação à sua imaginação. Para que descubram os diversos significados do mundo. Esse é o verdadeiro poder das histórias. O mesmo que durante 1001 noites iluminou Xerazade. Que há 150 anos nos faz seguir Alice pelo mundo louco de Carroll ou esgueirar pela floresta, imbuídos do desejo de testemunhar os encontros de Capuchinho com o Lobo que estiver de serviço. X pertence à esmagadora maioria, mas quase não entra em palavra nenhuma, diz Manuel António Pina na sua *Revolução das Letras*. Depois das letras revoltaram-se as palavras, e depois os livros, e depois as bibliotecas, e depois tudo. Por isso, Xera uma vez...

Nazaré Sousa
Livreira e blogger
(Hipopómatos na Lua)



Xerazade

Uma história bem contada pode ser um feitiço que faz do contador um feiticeiro. Ou será o contrário? Afinal de contas, nem todos possuem esse dom de fazer parar o mundo enquanto atiram palavras ao ar. Xerazade era com certeza uma feiticeira. Todas as noites levava o sultão da Pérsia a adiar a sua morte e a de muitas mulheres que ele tinha prometido matar. Tal como Iberusa Leoa, a heroína da aldeia histórica de Trancoso, que ganhou tempo a contar histórias aos mouros enquanto as tropas de D. Afonso Henriques avançavam para recuperar o castelo.

Nos dias de hoje, Xerazade convenceria qualquer criança a comer a sopa mais amarga sem birras nem exigências. E ajudaria qualquer adulto a deixar para trás um dia de trabalho vivido com preocupação. Felizmente, há muitas Xerazades por aí. Só falta reconhecer a sua magia ao mesmo tempo simples e milagrosa.

Rosário Alçada Araújo
Escritora e editora

Ilustração Prêmios Ilustrarte

Violeta Lópiz é a vencedora da edição de 2016 da Bienal de Ilustração para a Infância, Ilustrarte. Com início marcado para 21 de janeiro, a exposição contará com 3 originais do livro *Amigos do Peito*, editado pela Bruaá e com os quais a ilustradora espanhola concorreu. O júri, composto pela vencedora da edição de 2014, Johanna Benz, os ilustradores Serge Bloch e Juanjo Oller que também é editor, e Joana Astolfi, designer e editora, atribuíram ainda três menções especiais. De entre os 1700 participantes de diversos países foram selecionados quatro portugueses para a mostra de cinquenta autores: Catarina Sobral, Joana Estrela, Teresa Lima e Daniel Moreira.



Uns renascem «Alfaguara infantil» passa a «loqueleo»

A chancela infantil da Alfaguara acaba de renascer com um novo nome. «Loqueleo» foi recentemente apresentado na Feira do Livro de Guadalajara, no México, depois de já ter conhecido a luz do dia nas livrarias argentinas, colombianas, chilenas e uruguaias. A intenção da nova marca, que integra a gigante Santillana, é chegar a cerca de 100 milhões de crianças em todo o espaço latino-americano. No catálogo constam nomes como o de Roal Dahl, Ana Maria Machado, Yolanda Reyes, Luís Pesqueti, Gianni Rodari ou Jordi Sierra i Fabra. A editora aposta em vários perfis de leitor e numa relação próxima quer com estes como com os mediadores, especialmente professores, através de plataformas digitais e das redes sociais.



Outros finam-se A morte anunciada da Cosac Naify

Foi no final de novembro que o editor Charles Cosac anunciou, numa entrevista ao jornal brasileiro *Estado de S. Paulo*, o encerramento da emblemática Cosac Naify. Alegando a insustentabilidade do projeto, Charles Cosac assumiu que prefere fechar portas a ver o catálogo escrupulosamente escolhido cair nas mãos de um grande grupo que o adquire. A editora, à beira de completar duas décadas de existência, deixa um legado de 1600 títulos, em grande medida dedicados à arte, mas também de ensaio e literatura. À indefectível qualidade das obras acresciam edições de excelência, que constituíram uma referência no panorama brasileiro.



David Almond Guardian Children's Fiction Prize

David Almond é o vencedor da edição de 2015 do Guardian Children's Fiction Prize. A *song for Ella Grey* reconta o mito clássico de Orfeu e Eurídice adaptando-o à contemporaneidade britânica. O júri, composto como sempre acontece por três escritores com obra destinada a crianças e jovens, destacou o sentido poético da obra. Foi igualmente essa a opinião de alguns dos adolescentes participantes no concurso Young Critic Competition que o *The Guardian* também promove, e no qual leem e criticam os livros a concurso no Children's Fiction Prize. Almond relê a narrativa e veste-lhe a sua própria pele, onírica, angustiante e inevitavelmente bela.



saramaguiana

A CLARABOIA REVISITADA PELA BARRACA

Estreou no dia 10 de dezembro, aniversário dos 17 anos da entrega do Prémio Nobel a José Saramago, a adaptação do romance *Claraboia*, pela companhia teatral A Barraca. Com dezassete atores em palco e um cenário que descreve com riqueza de pormenores os seis apartamentos de um edifício, o coletivo dirigido por Maria do Céu Guerra apresenta a sua leitura desse livro escrito por José Saramago no começo dos anos 50 – e publicado em 2011, após a sua morte.

Trata-se de um projeto grandioso de um grupo teatral que tem mais de quatro décadas de história. As fotos que acompanham esta secção podem dar alguma ideia do trabalho levado à cena no Teatro A Barraca, em Lisboa. Acompanham as imagens excertos do romance de José Saramago.

A história é um pouco comprida – começou Abel, depois de ter acendido o cigarro – mas eu abreviarei. Já é tarde e não quero abusar da sua paciência... Tenho vinte e oito anos, não fiz o serviço militar. Profissão certa não a tenho, ver-se-á já porquê. Sou livre e só, conheço os perigos e as vantagens da liberdade e da solidão e dou-me bem com eles. Vivo assim há doze anos, desde os dezasseis. As minhas recordações da infância não interessam para aqui, até porque ainda não sou bastante velho para ter gosto em contá-las, e também porque nada ajudariam à sua desconfiança ou à sua cordialidade.

[...]

Não falando dos bolos do meu primeiro patrão, nunca roubei senão uma vez. Foi no Jardim da Estrela. Tinha fome. Eu, que sei alguma coisa do assunto, posso dizer que nunca tinha chegado àquele ponto. Aproximou-se de mim a mais linda rapariga que jamais vi. Não, não é o que está a pensar... Era uma garota de uns quatro anos, não mais. E se lhe chamo bonita é, talvez, para compensá-la do roubo. Trazia uma fatia de pão com manteiga, quase intacta. Os pais ou a criada deviam estar perto. Nem nisso pensei. Ela não gritou, não chorou, e eu, daí a momentos, estava atrás da igreja a morder o meu pão com manteiga...



Caetano gostava de mulheres, de todas as mulheres. A simples visão de uma saia balançando o perturbava. Sentia uma atração irresistível pelas mulheres fáceis. O vício, a dissolução, o amor comprado, fascinavam-no. Conhecia quase todas as casas de prostituição da cidade, sabia de cor e salteado as tabelas de preços, era capaz (disso se gabava no seu foro íntimo) de dizer, sem necessidade de inventar, os nomes de umas boas dezenas de mulheres com quem se deitara.

De todas as mulheres, uma só desdenhava: a sua. Justina era, para si, um ser assexuado, sem necessidades nem desejos. Quando ela, na cama, no acaso dos movimentos, lhe tocava, afastava-se com repugnância, incomodado pela sua magreza, pelos seus ossos agudos, pela pele excessivamente seca, quase pergaminhada. «Isto não é uma mulher, é uma múmia», pensava.



A chávena cheia, um prato de bolos secos ao lado, Lídia instalou-se de novo na cama. Enquanto comia ia lendo um livro que tirara de um pequeno armário da casa de jantar. Preenchia o vazio dos seus dias desocupados com a leitura de romances e tinha alguns, de bons e maus autores. Neste momento estava interessadíssima no mundo fútil e inconsequente de Os Maias. Ia bebendo o chá em pequenos goles, trincava um palito de la reine e lia um período, exatamente aquele em que Maria Eduarda lisonjeia Carlos com a declaração de que «além de ter o coração adormecido, o seu corpo permaneceu sempre frio, frio como um mármore...». Lídia gostou da frase. Procurou um lápis para marcá-la, mas não encontrou. Então, levantou-se com o livro na mão e foi ao toucador. Com o bâton fez um sinal na margem da página, um risco vermelho que ficava sublinhando um drama ou uma farsa.



Como se não desejasse outra coisa, a mãe guardou o dinheiro e saiu. Não ia contente consigo própria. A última frase da filha lembrara-lhe que poderia continuar a contar com aquele auxílio se não tivesse sido tão agressiva. Se se tivesse posto do lado dela, se se tivesse mostrado mais carinhosa... Mas muito pode o amor filial... Por isso, ia esperançada de que, mais cedo ou mais tarde, poderia voltar...

A pancada da porta ao fechar-se sobressaltou Lídia. Estava só. O cigarro ardia lentamente entre os dedos. Estava só como três anos antes, quando conhecera Paulino Moraes. Acabara-se. Era preciso recomeçar. Recomeçar. Recomeçar...

Devagar, duas lágrimas brilharam-lhe nos olhos. Oscilaram um momento, suspensas da pálpebra inferior. Depois, caíram. Só duas lágrimas. A vida não vale mais que duas lágrimas.



E por que razão havia ele de gostar de mim, se eu sou feia? Sim, eu sei que sou feia, não preciso que mo digam. Quando olham para mim, sei bem em que estão a pensar. Mas valho mais que as outras. O Beethoven também era feio, não teve nenhuma mulher que o amasse, e foi Beethoven. Não precisou que o amassem para fazer o que fez. Só precisou de amar e amou. Se eu vivesse no tempo dele, era capaz de lhe beijar os pés, e aposto que nenhuma mulher bonita o faria. No meu entender, as mulheres bonitas não querem amar, querem ser amadas. Bem sei que a Isaura diz que não percebo nada destas coisas. Se calhar é porque não leio romances. A verdade é que ela parece saber tanto como eu, apesar de os ler. Acho que lê de mais.



Amarrado à sua rotina de caixeiro de praça, vendo cada dia mais longe o dia da libertação, Emílio deixava passar o tempo. Anunciara que se iria embora e não dava um passo. Falecia-lhe a coragem. Quase a passar a soleira da porta para nunca mais voltar, alguma coisa o prendia. Da sua casa fugira o amor. Não odiava a mulher, mas estava fatigado de infelicidade. Tudo tem um limite: pode suportar-se a infelicidade até aqui, mas não até ali. E, no entanto, não partia.



Com estas recordações, principiaram as saudades a minar o coração de Carmen. Saudades de tudo o que deixara, da sua cidade, da casa dos pais, do portão da fábrica, da doce fala galega que os portugueses não conseguiam imitar. Lembrando tudo isto, punha-se a chorar. Decerto há muito tempo já que as saudades a ralavam, mas, assim como vinham assim iam, empurradas pelo tempo cada vez mais pesado. Tudo se esfumava, a memória mal conseguia captar as imagens desvanecidas do seu passado. Mas agora tudo lhe aparecia com nitidez. Por isso chorava. Chorava o bem que perdera e que nunca mais reaveria. Lá, estaria com a sua gente, amiga entre amigos.

Ninguém, nas suas costas, a escarneceria pela sua fala, ninguém lhe chamaria «galega» com o tom desprezador com que lhe chamavam aqui. Sim, seria galega na sua terra de galegos, onde «galego» não era sinónimo de «moço de fretes» nem de «carvoeiro».



- Vivemos entre os homens, ajudemos os homens.**
- E que faz o senhor para isso?**
- Conserto-lhes os sapatos, já que nada mais posso fazer agora. O Abel é novo, é inteligente, tem uma cabeça sobre os ombros... Abra os olhos e veja, e se depois disto ainda não tiver compreendido, feche-se em casa e não saia, até que o mundo lhe desabe em cima!**

Silvestre agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o:

- Abel! Tudo o que não for construído sobre o amor gerará o ódio!**
- Tem razão, meu amigo. Mas talvez tenha de ser assim durante muito tempo... O dia em que será possível construir sobre o amor não chegou ainda...**



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



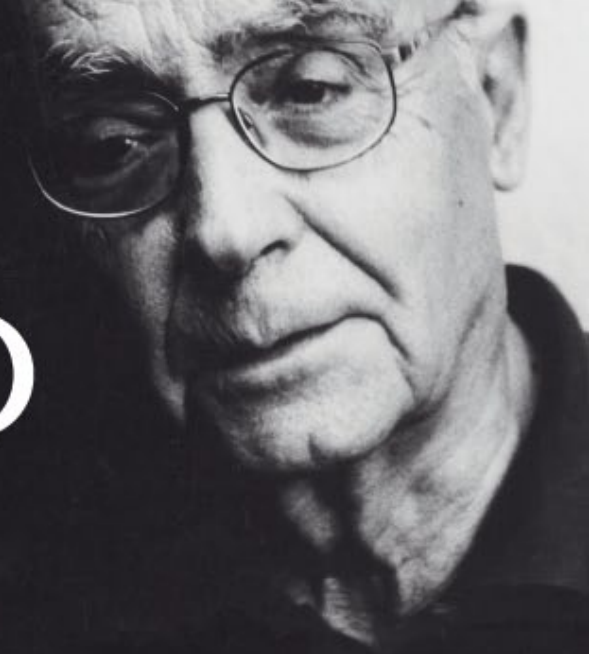
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



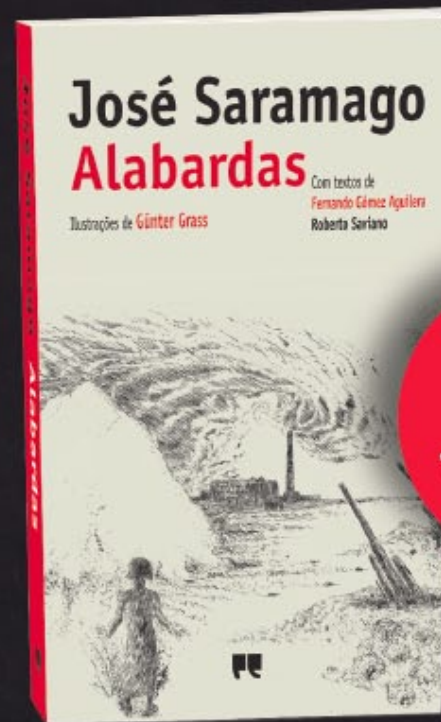
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



**Até
29 dez**

**Shadow Pieces
on Body
Frames**

Exposição de
Julião Sarmento,
que propõe
uma reflexão
sobre o corpo e
o seu percurso
em direção à
materialidade da
imagem.

Coimbra, Círculo
de Artes Plásticas –
Círculo Sereia.



**Até
31 dez**

**Madoka
Machina**

Exposição de
originais de André
Pereira, do livro de
banda desenhada
Madoka Machina
(edições Polvo).
Lisboa, El Pep Store
& Gallery.



**Até
6 jan**

**Uma hora en la
vida de Stefan
Zweig**

Autor fundamental
do início do século
XX europeu, Stefan
Zweig tem agora
os seus textos
adaptados por
Antonio Tabares e
levados à cena em
Barcelona.
Barcelona, Sala
Beckett.



**Até
20 jan**

**Uma Delicada
Zona de
Compromisso**

Exposição que
assinala os cinco
anos da morte
de Ruy Duarte de
Carvalho, propondo
um regresso à
leitura dos seus
textos e do seu
pensamento.
Lisboa, Galeria
Quadrum.



**Até
14 fev**

**Os Inquéritos
[à Fotografia e
ao Território]**

A partir da
expedição à
serra da Estrela,
organizada pela
Sociedade de
Geografia de
Lisboa em 1881,
uma exposição
que reúne vários
olhares sobre um
mesmo território.
Guimarães, Centro
Cultural Vila Flor.





**Até
28 fev**

Salto de Páxina

Mostra dos livros de
artista premiados
com o prémio
ArtsLibris/ Banco
Sabadell, no âmbito
da feira de edição
contemporânea de
Barcelona.
Santiago de
Compostela,
Auditorio de Galiza.



**Até
13 mar**

**Obsesión
Geométrica.
American
School 1965-
2015**

Trinta peças de
artistas norte-
americanos que
refletem sobre a
geometria e as suas
representações
artísticas.
Buenos Aires,
Museo Nacional
de Arte
Contemporáneo.



**Até
27 mar**

Ingres

Exposição
retrospectiva do
trabalho do pintor
francês, em
colaboração com o
Museu do Louvre.
Madrid, Museo del
Prado.



**Até
31 mar**

**Antonio
Houaiss –
Singular, Plural**

Exposição que
acompanha a vida
e a obra do filólogo
e intelectual
brasileiro,
mostrando uma
herança cultural
que vai muito além
do dicionário que
exibe o seu nome.
Rio de Janeiro ,
Biblioteca Nacional.



**25 e
26 dez**

**The Legendary
Tigerman**

Os concertos
natalícios da
Galeria Zé dos
Bois já são uma
tradição. Nos dias
25 e 26, Legendary
Tigerman sobe ao
palco e acolhe os
que se escaparam
da festa familiar.
Lisboa, Galeria Zé
dos Bois.



Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

